



Universidade do Porto Faculdade de Desporto

Regulamento Técnico-Pedagógico da Federação de Andebol de Portugal. A percepção dos Treinadores quanto ao valor deste como condicionador de formação.

Ricardo Sousa

Dezembro.2005



Universidade do Porto Faculdade de Desporto

Regulamento Técnico-Pedagógico da Federação de Andebol de Portugal. A percepção dos Treinadores quanto ao valor deste como condicionador de formação.

Monografia realizada no âmbito da
disciplina de
Seminário da Opção de Desporto de
Rendimento – Andebol do 5º Ano do curso
de Desporto e Educação Física da
Faculdade de Desporto

Orientador:
Mestre Ireneu Moreira

Discente:
Ricardo Sousa

Dezembro.2005

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Sousa, R. (2005). Regulamento Técnico-Pedagógico da Federação de Andebol de Portugal. A percepção dos Treinadores quanto ao valor deste como condicionador de formação. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Licenciado em Ciências do Desporto e Educação Física. Faculdade de Desporto. Porto.

PALAVRAS CHAVE:

**JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS – ANDEBOL – SISTEMAS DEFENSIVOS -
REGULAMENTO TÉCNICO-PEDAGÓGICO.**

ÍNDICE

1. Introdução	10
1.1. Justificação e Pertinência do Estudo.....	10
1.2. Objectivos	11
1.3. Estrutura do Trabalho	11
2.Revisão da Literatura	13
2.1. Caracterização dos Jogos Desportivos Colectivos.....	13
2.1.1. Natureza dos Jogos Desportivos Colectivos	13
2.1.2. Ensino/Aprendizagem dos Jogos Desportivos Colectivos	14
2.1.3. Quando o ensino dos Jogos.....	20
2.2. Caracterização da Defesa no Andebol.....	25
2.2.1. Defesa Individual.....	27
2.2.2. Defesa Zona	29
2.3. Sistemas Defensivos	32
3. Metodologia	44
3.1. Métodos e Procedimentos	44
3.2. Caracterização da Amostra.....	44
3.3. Variáveis do Estudo	45
3.4. Procedimentos da Recolha de Dados.....	46
3.5. Procedimentos da Análise de Dados	47
4. Apresentação e Discussão dos Resultados	50
5. Conclusões	71
<i>Referências Bibliográficas</i>	73
<i>Anexos</i>	77

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nos escalões de formação é adequado que não sejam permitidas defesas mistas	50
Gráfico 2 - Contribui para a diferenciação do jogo no grande espaço, jogo anárquico para o jogo em zonas (grande e pequeno espaço)	51
Gráfico 3 - Contribui para a construção/compreensão dos sistemas de jogo.....	51
Gráfico 4 - Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo com base em acções individuais	52
Gráfico 5 - Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo respeitando a defesa da sua baliza.....	53
Gráfico 6 - Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo considerando a relação de cooperação com colegas.....	53
Gráfico 7 – Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo com base em acções individuais.....	54
Gráfico 8 - Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo considerando a relação de cooperação com os colegas.....	55
Gráfico 9 – Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo respeitando a defesa da sua baliza.....	56
Gráfico 10 - Contribui para a compreensão da amplitude do jogo ofensivo com base em acções individuais.....	56
Gráfico 11 – Contribui para a compreensão da amplitude do jogo ofensivo considerando a relação de cooperação com os colegas.....	57
Gráfico 12 – Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base nas exigências da ocupação de espaço.....	58
Gráfico 13 – Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base nas exigências da oposição defensiva individualizada	59
Gráfico 14 - Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base na relação de cooperação com os colegas	59
Gráfico 15 - Facilita a estruturação do espaço de jogo ofensivo, no ataque continuado, com a criação de espaço	60
Gráfico 16 - Facilita a estruturação do espaço de jogo ofensivo, no ataque continuado, com a ocupação do espaço	61
Gráfico 17 - Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da entreaajuda	62

Gráfico 18 - Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da flutuação.....	62
Gráfico 19 - Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na sua defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da intercepção.....	63
Gráfico 20 - Poderá a vir prejudicar a capacidade individual defensiva de cada jovem atleta.....	64
Gráfico 21 - O principal objectivo é a preparação e desenvolvimento das capacidades individuais de cada jovem atleta	65
Gráfico 22 - Foi correctamente elaborado, indo favorecer o correcto e eficaz desenvolvimento dos futuros atletas de elite.....	65
Gráfico 23 - Situação mais vantajosa para os escalões de formação, é o desenvolvimento do jogo no grande espaço, ou seja, em contra-ataque, em detrimento do jogo organizado espacialmente (pequeno espaço).....	66
Gráfico 24 - Situação mais vantajosa para os escalões de formação, é o desenvolvimento do jogo organizado espacialmente (pequeno espaço), em detrimento do jogo no grande espaço, ou seja, em contra-ataque	66
Gráfico 25 - A nível defensivo são muitas as restrições que se colocam aos jovens praticantes de andebol. Poderão estas restrições vir a prejudicar os futuros jogadores de alto nível, relativamente à sua capacidade defensiva	67
Gráfico 26 - Um dos principais objectivos nos escalões de formação é que o número de oportunidades de êxito seja o mais elevado possível.....	68
Gráfico 27 - Uma das situações que surgem para alguns escalões, é aquando da finalização em contra-ataque que a equipa que obteve golo é premiada com nova posse de bola. Tanto a nível do melhoramento do jogo, como das capacidades individuais dos atletas, é viável.....	68
Gráfico 28 – Concorda com regulamento técnico-pedagógico da Federação de Andebol de Portugal	69
Gráfico 29 - O regulamento técnico-pedagógico favorece o correcto desenvolvimento das habilidades técnicas do jovem atleta, favorecendo o desenvolvimento do jovem atleta, favorecendo o desenvolvimento do jogo	70

AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço para deixar aqui expresso o meu testemunho sincero e de agradecimento que considero importantes, para aqueles que de alguma forma contribuíram para que concretizasse este meu trabalho:

Ao Mestre Ireneu Moreira, meu orientador, a disponibilidade, os conhecimentos e a confiança transmitidos e demonstrados, sem nunca me tirar a autonomia na elaboração do mesmo e com o qual as considerações trocadas, demonstraram-me estar frente a um Homem de conhecimento.

A todos os treinadores inqueridos a partilha das suas ideias e opiniões que me permitiu a elaboração deste trabalho de uma forma mais científica.

Aos meus colegas do Académico FC pela compreensão nestes últimos tempos.

Aos meus amigos “*Tunos*”, Pedro, “*Tati*” e Li pela disponibilidade e ajuda prestada.

Ao “*Alfie*” e ao “*Kurks*” pelos momentos em que me incentivaram a terminar o curso.

A toda a minha família, principalmente aos meus pais e irmão que sempre acreditaram e apoiaram a minha dedicação e esforço.

À minha tia Regina, a sua presença que sempre me acompanha.

RESUMO

O presente estudo têm como objectivo identificar e analisar as ideias e opiniões dos treinadores de andebol relativamente acerca do regulamento técnico-pedagógico da Federação de Andebol de Portugal, e a afectação que este poderá ter relativamente à capacidade defensiva individual dos futuros atletas.

Assim destaca-se a funcionalidade e natureza dos Jogos Desportivos Colectivos, partindo depois para a natureza do jogo de Andebol, e mais especificamente para a caracterização da defesa e sistemas defensivos inerentes a esta modalidade.

A amostra deste estudo é composta por 25 treinadores de diferentes escalões, de diferentes níveis competitivos e ainda de diferentes Associações com o intuito de esta ser o mais abrangente possível de forma a dotar o trabalho de maior importância.

O modelo de estudo são os inquéritos, em que se propõe uma escala de resposta em 5 níveis, que vai desde o concordo plenamente ao discordo totalmente. As questões que aparecem no inquérito foram elaboradas a partir de uma grelha de codificação que se baseia nas três variáveis que fundamentam este estudo: (1) Estruturação do Espaço do Jogo Defensivo; (2) Espaço de Jogo; (3) Objectivo do Jogo.

Posteriormente procedeu-se à análise descritiva dos resultados obtidos recorrendo ao uso de gráficos para assim melhor perceber e analisar os dados recolhidos.

Resumidamente chegou-se às seguintes conclusões:

- Rejeição da situação de nova posse de bola a premiar o contra-ataque.
- Maior coerência de um dos grupos que sistematicamente vai respondendo discordar do regulamento.

- As respostas dadas, na sua maioria, são coerentes, o que se confirmou por perguntas de confirmação.
- No seu cômputo geral a amostra rejeitou este regulamento da FAP, não concordando com o mesmo.
- Considera-se que este regulamento poderá afectar a capacidade individual defensiva dos futuros jogadores de andebol.
- Apesar desta situação, desenvolvem-se os elementos defensivos como a intercepção, flutuação e entreajuda.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Justificação e Pertinência do Estudo

Este trabalho é realizado no âmbito da licenciatura em Desporto e Educação Física, integrado no Seminário de Andebol do 5º ano do curso.

A escolha desta temática prende-se com variadas razões, não somente pessoais, mas também académicas.

Assim um dos motivos que me levou a escolher este tema foi o facto de a defesa para mim, enquanto jogador/treinador/professor de andebol, ser o principal meio para poder atingir a vitória, pois uma defesa eficaz será a preparação e evolução para um ataque eficiente. Logo optei por efectuar um trabalho em que o tema central passasse pela defesa no andebol.

Sou da opinião que a defesa nos escalões de formação, terá de ser alterada, e numa altura em que surgiram alterações ao Regulamento Técnico-Pedagógico para os escalões de formação, e onde está tão em aberto o debate, quanto à utilização do sistema defensivo 6:0 nestes mesmo escalões, aproveito para deixar aqui o meu testemunho.

É importante referir que na formação de um jovem jogador, a defesa individual apresenta enorme destaque. Defesa esta que no mais alto escalão, raramente é utilizada, já que não se revela apropriada ao exigido. O que se verifica é que a defesa zona sendo a mais usada é também a mais eficiente. Dai porque se usar a defesa individual nos jovens?

Com este trabalho, e sem qualquer tipo de pretensiosismo, pretendo deixar como que um tratado, para que este possa ser usado na estruturação dos objectivos e regulamento pedagógico exigidos para estes escalões. Para tal vou utilizar um inquérito que aplicarei a treinadores de diferentes níveis e ainda a professores ligados também à formação, já que este trabalho têm uma grande vertente formativa.

1.2. Objectivos

Este meu trabalho têm um objectivo muito central e abrangente, que é o de conhecer e analisar quais as ideias, que circulam no seio da sociedade andebolista, sobre o Regulamento Técnico-Pedagógico, posto à prática pela Federação de Andebol de Portugal.

Por outro lado apresenta outros objectivos mais específicos que passarei a enumerar:

- Propor um conceito de jogo defensivo que permita aos jovens praticantes a aquisição de todo um repertório técnico individual defensivo, que lhes de as bases necessárias para o sucesso enquanto futuros jogadores de elite;
- Enunciar quais as características defensivas que são desenvolvidas com este regulamento técnico-pedagógico;
- Perspectivar qual o sistema defensivo que estará correcto treinar nos jovens para que estes se desenvolvem enquanto, não só defensores, mas sim, jogadores de andebol;
- Averiguar quais as concepções vigentes na classe dos Treinadores relativamente aos Regulamentos Técnico-Pedagógicos propostos pela Federação de Andebol de Portugal;
- Realçar a importância de um correcto processo de formação dos jovens que lhes permite atingir o escalão sénior, dotado das melhores capacidades possíveis, tanto a nível atacante, como defensivo.

1.3. Estrutura do Trabalho

Este estudo investigativo foi efectuado a partir de uma dualidade perspectiva teórica.

Na primeira perspectiva temos o fundamento vital para o estudo das actividades físicas e desportivas, já que tem como objectivo o conhecimento e

análise, de uma forma criteriosa, as características de todo o tipo de prática. Ao dotar a acção motora como objecto de estudo, que é extremamente importante na caracterização da situação motriz, esta abordagem dá-nos a conhecer a lógica interna e singular do jogo de Andebol, pela sua análise estrutural e funcional.

Já relativamente à perspectiva interpretativa, foi através dela que nos foi possível integrar neste trabalho as concepções e as opiniões dos treinadores de Andebol, que em muito me ajudaram, sendo um valioso instrumento que me permitiu chegar a um melhor conhecimento e compreensão do fenómeno em estudo.

Considero que este trabalho apresenta uma primeira fase, que contempla o primeiro e segundo capítulos, onde comecei por efectuar uma revisão da literatura, tendo em conta o ensino dos Jogos Desportivos Colectivos, com particular destaque para o Andebol, e dentro deste os Sistemas Defensivos foram os privilegiados. Dotamos o factor espaço de uma dimensão estrutural que transmite sentido e lógica às acções de jogo e, depois procuramos estabelecer relações entre o objectivo e o espaço de jogo.

Para suportar todo este trabalho de investigação, apresentamos no terceiro capítulo os procedimentos e métodos utilizados no estudo para a recolha e análise da informação.

O quarto capítulo é constituído pela apresentação e discussão dos resultados obtidos, que se concretizam nas concepções dos treinadores acerca da temática em discussão.

Para finalizar, apresento no quinto capítulo as conclusões finais, já do sexto consta a bibliografia, e por último no sétimo encontram-se os anexos da investigação.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. CARACTERIZAÇÃO DOS JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS

2.1.1. NATUREZA DOS JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS

Esta designação de Jogos Desportivos Colectivos engloba em si as modalidades como o Andebol, Futebol, Basquetebol e Voleibol, sendo de uma grande importância nos nossos dias na cultura desportiva contemporânea.

Estas modalidades apresentam uma vastíssima riqueza de situações que faz com os Jogos Desportivos Colectivos sejam um excelente meio de formação de competências em diversos planos, tais como o técnico e o tático-cognitivo, entre outros (Mesquita, 1992).

Este grupo de desportos apresenta dois traços fundamentais, como refere Garganta (1995), que os caracterizam e os tornam únicos, e que são: o apelo à cooperação e à inteligência.

Assim, segundo Garganta (1995), o apelo à cooperação está intimamente relacionada com o facto de numa equipa terem de existir laços de cooperação, para que deste modo a equipa no seu todo consiga atingir os objectivos a que se propõe, e que são de levar de vencido o adversário. Logo os desportos colectivos revelam-se bastante úteis para que a individualidade seja expressa, contudo subordinada aos interesses grupais que têm de se sobrepor, para um correcto funcionamento do colectivo.

O outro traço é o apelo à inteligência que se caracteriza pela adaptabilidade que é essencial nos jogos desportivos colectivos para fazer frente a todas as novas situações que estes colocam aleatória e diversificadamente (Garganta, 1995).

Neste grupo de desportos existe uma enorme variabilidade de situações não previsíveis, e que têm de ser resolvidas adequadamente por quem joga, levando a uma elevada adaptabilidade, principalmente no plano táctico-cognitivo.

Como nos diz Garganta (1995), a organização da percepção, a compreensão das informações e a resposta motora estão condicionadas pela maneira como o jogador entende e concebe o jogo, ou seja, pelos seus modelos de explicação que vão orientar as suas tomadas de decisão. É através do conhecimento que se têm do jogo que a selecção e qualidade das respostas se vai orientar, levando o jogador a permanentemente adoptar uma atitude táctico-estratégica.

2.1.2. ENSINO/APRENDIZAGEM DOS JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS

Como em tudo na nossa sociedade, também as modalidades desportivas foram e vão sendo influenciadas por diversas correntes de pensamentos e conhecimentos, que primeiramente influenciaram as modalidades ditas individuais, chegando posteriormente aos Jogos Desportivos Colectivos, o que fez com que estes últimos adquirissem meios e métodos directamente dos primeiros, sem que se tenha tido em consideração a especificidade estrutural característica das modalidades colectivas (Garganta, 1995).

Consequentemente, como refere Garganta (1995) encontram-se meios de ensino/aprendizagem, nos desportos colectivos, que se baseiam na técnica individual, pensando-se que o desenvolvimento da mesma de uma forma analítica irá facilitar a aplicação eficaz numa situação real de jogo. O que se assiste desde dos anos 60, é que se treina maioritariamente o gesto técnico individual, deixando um pouco de lado o ensino do jogo propriamente dito.

Mais recentemente, esta abordagem apesar de algumas alterações, continua em muito idêntica à anterior, onde a separação e junção dos gestos técnicos elementares, bem como a sua transferência para a situação de jogo real apesar de ser uma possibilidade, não deve ser considerada isoladamente mais

sim como uma das vias para o ensino destes jogos. Nesta perspectiva a técnica (modo de fazer) é ensinada separadamente da tática (razões de fazer).

Apesar de tudo, nos jogos desportivos colectivos a sua grande característica, como já evidenciado, é a enorme variabilidade de situação não previstas que ocorrem, levando a que o atleta resolva um problema fundamentalmente tático (Metzler, 1987). É necessário, assim, que a técnica seja capaz de responder a todas estas situações tendo em conta a oposição e nunca esquecendo o objectivo da finalização.

No entanto autores como Teodorescu (1984) e Bayer (1985), que perspectivaram que a equipa seria o elemento central do processo de ensino/aprendizagem, em que a interacção e a relação de forças entre os diferentes elementos adquire o seu verdadeiro papel.

A equipa passa a ser entendida como um *microsistema social complexo e dinâmico* (Teodorescu, 1984), em que o valor global não se traduz através da soma dos valores individuais, mas sim da interacção resultante entre todos os elementos constituintes da equipa.

Aqui pode-se dizer que existem, como que, duas correntes, em que uma delas considera que uma determinada modalidade colectiva apresenta tal grau de especificidade que apenas permite o seu ensino diferenciadamente e sem quaisquer ligação ou *transfer* relativamente a meios e métodos de ensino de outra modalidade. Por outro lado a outra corrente defende que existem semelhanças entre algumas modalidades o que lhes permitem adquirir meios e métodos comuns no seu treino e ensino. Essas semelhanças são essencialmente estruturais e funcionais, e permite nos agrupar modalidades como o Futebol, Andebol e Basquetebol (Garganta, 1995).

A prática transferível, apresentada por Bayer (1985) e Cecchini (1985), é aconselhada para o ensino dos Jogos Desportivos Colectivos na escola de forma a evitar uma especialização precoce, onde os jovens assim conseguem

transferir as aquisições de uma modalidade para a outra, sendo assim uma aprendizagem facilitada.

Neste caso a especificidade não é esquecida, já que ao aproximar-se os desportos semelhantes nos aspectos de assimilação de conteúdos, é indispensável a utilização de técnicas e princípios específicos de cada modalidade (Garganta, 1991).

Segundo Garganta (1995), a aprendizagem dos gestos técnicos essenciais de cada modalidade é apenas uma parte constituinte de todo um processo que levará os jovens a serem capazes de responderem adequadamente a todos os problemas que se lhes depara em situação de jogo. Para tal é necessário que os jogos sejam ensinados particularmente relativamente à sua lógica, suas regras e seus códigos.

É conveniente que desde os primeiros tempos de aprendizagem os jovens adquiram um conjunto de princípios que se reportam ao relacionamento de jogador com a bola, também algumas estruturas comunicativas que são fundamentais, como a comunicação, com os companheiros, e a contra-comunicação, com os adversários. Importa também não esquecer a ocupação racional do espaço de jogo (Garganta, 1995).

Tendo em conta o nível do praticante bem como as exigências do jogo as capacidades de adaptação deverão ser diferentemente estimuladas e solicitadas (Garganta, 1995).

Garganta (1995) diz-nos que uma das formas mais eficazes e adequada ao ensino dos Jogos Desportivos Colectivos é a motivação dos praticantes, implicando-os em situações que sendo acessíveis, isto é, com regras pouco complexas, menos jogadores, espaço reduzido e que aumentará as possibilidades de concretização, sem nunca perder as características fundamentais do jogo.

Nos jogos desportivos colectivos enfrentam-se sempre duas equipas que organizam e planificam as suas acções, tendo como finalidade conseguir ultrapassar e tirar o maior proveito do dualismo que se estabelece entre a defesa e o ataque (Konzag, 1985).

Para o ensino destes jogos é essencial ter um correcto conhecimento da modalidade, bem como saber diferenciar os distintos níveis de jogo através de determinados indicadores. Do jogo inicial é necessário apontar os problemas principais e indicar os factores de evolução que vão permitir o seu desenvolvimento (Garganta, 1995).

Indicadores do jogo de fraco nível, segundo Garganta (1995):

- Todos juntos da bola (aglutinação);
- Querer a bola só para si (individualismo);
- Não procurar espaços para facilitar o passe do colega que têm a bola;
- Não defender;
- Estar sempre a falar para pedir a bola ou criticar os colegas;
- Não respeitar as decisões do árbitro.

Factores de desenvolvimento do bom jogo (Garganta, 1995):

- Fazer correr a bola (passar);
- Afastar-se do colega que tem a bola;
- Dirigir-se para espaços vazios no sentido de receber a bola;
- Intencionalidade: receber a bola e observar (ler o jogo);
- Acção após passe: movimentar para criar linha de passe;
- Aclaramento: afastar-se do colega que tem a bola e ocupar o seu espaço;
- Não esquecer o objectivo do jogo (golo, cesto, ponto).

Existem três factores essenciais, e aos quais é importante dar atenção, para se saber em que nível se encontra o jogo, se na fase anárquica (fase inicial) ou na fase de elaboração (fase mais avançada) (Garganta, 1995). Assim os tais factores são: Estruturação do Espaço, a Comunicação na Acção e a Relação com a Bola.

Para se ensinar adequadamente existem diversas formas didáctico-metodológicas de o fazer, contudo existem três que, como refere Garganta (1995), são as mais correctas e eficazes, apesar de o produto final delas poder ser distinto.

A Forma Centrada nas Técnicas (solução imposta) baseia-se na decomposição do jogo nos elementos técnicos básicos, sendo estes hierarquizados e separados do jogo formal, o que irá provocar uma deficiente leitura do jogo, com consequentes soluções pobres, e em que a mecanização das acções de jogo são pouco criativas (Garganta, 1995).

Forma Centrada no Jogo Formal em que este é exclusivamente utilizado sem qualquer condicionalismo e onde a técnica surge como resposta a situações não idealizadas. Pouco jogo colectivo, com grande virtuosismo técnico individual e soluções motoras variadas com uma anarquia táctica, são as consequências desta forma de abordar os jogos colectivos (Garganta, 1995).

A Forma Centrada nos Jogos Condicionados permite que se parta do global (jogo) para o simples (situações particulares), sendo o jogo decomposto em unidades funcionais. Os princípios do jogo regulam a aprendizagem, onde o jogo sistemático vai sendo cada vez mais complexo. Como consequências da utilização desta forma de ensino temos a inteligência táctica, com uma correcta interpretação e aplicação dos princípios do jogo tendo em conta a viabilização da técnica e criatividade nas acções de jogo. As técnicas acabam por surgir em função da táctica de forma orientada e provocada (Garganta, 1995).

Garganta (1995) refere que é necessário a resolução de determinados problemas até se chegar ao jogo formal, contudo estes problemas só são passíveis de resolução tendo em conta a estrutura dos elementos de jogo (jogador, bola, colegas e adversários), nunca esquecendo o objectivo do jogo.

Como o jogo desportivo colectivo é caracterizado por alguma complexidade, em que o praticante tem ao mesmo tempo de levar em linha de conta diversos factores como a bola, o espaço, alvo, colegas e adversários, é importante que

o seu ensino seja faseado e progressivo, partindo-se do simples para o complexo (Garganta, 1995).

Existem assim diversos níveis de relação que importa atender no ensino dos jogos (adap. Garganta, 1995):

Eu – bola: familiarização com a bola e seu controlo;

Eu – bola – alvo: finalização;

Eu – bola – adversário: combinação de habilidades; conquista e conservação da posse de bola (1x1); procura da finalização;

Eu – bola – colega – adversário: jogo a 2; passe e vai (desmarcação de ruptura); passa e segue (desmarcação de apoio); contenção e cobertura defensiva;

Eu – bola – colegas – adversários: jogo a 3; criação e anulação de linhas de passe; penetração e cobertura ofensiva;

Eu – bola – equipa – adversários: do 3x3 ao jogo formal; assimilação e aplicação dos princípios de jogo, ofensivos e defensivos.

Apesar de os elementos técnicos serem essenciais, e sem os quais é impossível jogar bem, estes não nos levam por si sós ao bom jogo. Como tal na escolha e preparação dos exercícios no processo de ensino-aprendizagem dos jogos é necessário pensar que estes terão de ser de fácil compreensão e explicação, de execução acessível, de rápida e clara organização e pouco exigentes do ponto de vista material (Garganta, 1995).

Como diz Garganta (1995), a divisão do jogo, que surge como resposta ao faseamento que é necessário fazer neste processo, não deve deixar de respeitar os elementos primordiais do mesmo e que são a cooperação, a oposição e a finalização.

Quando se vai construindo o processo de ensino-aprendizagem é fundamental saber o que o praticante já faz, bem como o que já conhece (Garganta, 1995).

Deve-se propor aos jovens praticantes formas lúdicas que os motivem, com regras simples, espaço reduzido e menos elementos com o objectivo de manter

uma continuidade das acções e aumentar as possibilidades de concretização (Garganta, 1995).

A especificidade mais representativa dos jogos desportivos colectivos gravita em torno do conceito de equipa, entendida como um grupo de indivíduos reunidos para realizar um objectivo comum previamente definido (Bayer, 1979).

Este processo de ensino não deve de maneira nenhuma basear-se, nem apenas no conjunto de habilidades técnicas fundamentais, nem apenas nas capacidades condicionais e coordenativas. Deve sim, desenvolver a disponibilidade motora e mental que permita ao atleta assimilar as regras, condutas de acção, princípios de gestão do espaço de jogo, bem como a comunicação e contra-comunicação, transcendendo a mera automatização de gestos (Garganta, 1995).

Como tal, Garganta (1995) refere que, é primordial articular aspectos fundamentais como a oposição, a finalização, a actividade lúdica e os saberes sobre o jogo.

O jovem que joga e o jogo são as nossas principais preocupações, logo ao ensinar a estes jovens de uma forma analítica e técnica estar-se-á a privá-los da componente lúdica só proporcionada através do jogo (Garganta, 1995).

Como refere Garganta (1995), o jogo tem de estar presente em todas as fases do processo de ensino-aprendizagem, não apenas por permitir detectar as limitações dos praticantes e ser o melhor indicador de evolução, mas também porque é o maior factor de motivação dos mesmos.

2.1.3. QUANDO O ENSINO DOS JOGOS

Erroneamente por vezes os jogos são ensinados tendo apenas em atenção a transmissão das técnicas básicas do jogo, apresentando-as normalmente de uma forma descontextualizada e privilegiando os aspectos da realização

motora dos gestos deixando de lado o seu uso em situação (Read e Devis, 1990).

Contudo é necessário ter presente que nesta simplificação didáctica do ensino das habilidades do jogo, ao apresentá-las como fechadas, estas ficam desprovidas da sua capacidade mais importante que é a de serem utilizadas em cada momento de jogo deliberada e oportunamente (Graça, 1995).

Logicamente, será fácil afirmar que esta competência é obrigatoriamente dependente da qualidade e mestria das técnicas de jogo, e que tudo aquilo que se antecipa e prevê é condicionado por tudo que conheço e sou capaz de efectuar com o meu repertório técnico-táctico. Mesmo assim é impensável colocar-se o ensino isolado das técnicas fundamentais no cimo do processo ensino/aprendizagem dos Jogos Desportivos Colectivos.

O êxito de aquisição da técnica depende de uma especialização particular das habilidades anteriormente dominadas pelos jovens, o que importa ter em atenção aquando do ensino dos jogos. Portanto, no momento de abordagem do jogo, o aluno não vêm em branco, antes deve possuir necessariamente um repertório de habilidades, porventura ainda não conformadas à especificidade da realização técnica dos gestos de uma modalidade desportiva, mas que lhe permite, naturalmente de uma forma muito rudimentar, encarar o jogo e actualizar nele o seu repertório motor (Thorpe, 1990).

No ensino dos jogos é fundamental preocuparmo-nos com o facto de as habilidades terem um carácter aberto, isto é, quando aplicadas em situação de jogo, são-no sempre de uma forma imprevisível, dependendo das configurações particulares de cada momento do jogo, que ditam o tempo e o espaço para a sua realização (Graça, 1995).

A capacidade perceptiva e a tomada de decisão são essenciais na aprendizagem das habilidades abertas, já que estas são enorme e variavelmente influenciáveis por diversos factores intrínsecos ao jogo, e que

são: o posicionamento e movimento dos colegas e adversários, colocação no terreno, distância ao objectivo a atingir, entre outros (Graça, 1995).

Como tal poderemos considerar duas ordens de problemas, propostos por Graça (1995), e que são: o problema da selecção de resposta adequada à situação e o problema relativo à realização da resposta motora. Assim o ideal é levar os jovens a desde de cedo terem de enfrentar *o quê, o quando e o porquê* (selecção de resposta) aliados ao *como* (resposta motora) criando se situações que solicitem ambos simultaneamente.

A exercitação das habilidades de jogo é uma forma de desenvolver a capacidade de jogo dos jovens praticantes, assim segundo Graça (1995), levando em linha de conta as considerações que fundamentam a natureza aberta das habilidades do jogo e o seu carácter multidimensional, poderemos apresentar como directrizes para a elaboração do projecto de ensino as seguintes características:

- Desde de muito cedo, praticar as habilidades em contextos variáveis, solicitando formas de execução variadas;
- Não ficar muito tempo a praticá-las como habilidades fechadas;
- Exercitar a respostas (o como) e o uso da resposta (o quê e o quando);
- Privilegiar as situações com uma configuração de problemas semelhantes aos que ocorrem no jogo, destacando os aspectos de adaptação da resposta aos contextos específicos (Graça, 1995).

Ao treinador/professor exige-se o conhecimento dos conteúdos do jogo, da pedagogia, dos processos de ensino/aprendizagem, dos alunos bem como dos contextos educativos, para que num somatório entre todos eles, este seja capaz de propor aos seus atletas/alunos a matéria de ensino de uma forma clara e facilmente assimilável através de experiências válidas, significativas e seguras de maneira a que estes melhor compreendam o jogo (Graça, 1995).

As tomadas de decisão que eu, enquanto treinador/professor, irei tomar relativamente ao que vou ensinar e como o vou fazer estão intimamente

ligadas à concepção e conhecimento que eu próprio tenho do jogo. Assim como as expectativas que efectuarei relativamente ao nível que pretendo atingir é igualmente influenciável pela maneira como “sinto” e “penso” o jogo (Graça, 1995).

Rink (1985) define os conceitos de progressão, refinamento e aplicação como movimentos fulcrais dos processos de estruturação e condução do ensino. Como tal por progressão entende as decisões pedagógicas envolvidas na escolha do grau de complexidade das situações de aprendizagem, não esquecendo aí o encadeamento sequencial e estrutural das tarefas de ensino. O refinamento é já a definição que se obtêm dos elementos de qualidade da resposta, tendo em conta dois pontos de vista, o da execução motora, bem como o seu uso estratégico, orientado e circunscrevendo o ponto essencial das correcções e observações sobre a execução das tarefas. Por fim temos a aplicação que se refere à colocação de situações de competição e ou de auto-avaliação, onde o importante deixa de ser a realização em si, mas sim o objectivo atingido (sancionamento do rendimento do jogo).

Ainda segundo a mesma autora (Rink, 1985), existem 4 níveis de complexidade para a progressão na abordagem aos Jogos Desportivos Colectivos e que são:

- Tipo 1: exercitação das habilidades simples sem oposição;
- Tipo 2: exercitação da combinação de habilidades ainda sem oposição;
- Tipo 3: exercitação em situações de oposição simplificada, formas parcelares de jogo, número reduzido de jogadores em vantagem ou igualdade numérica;
- Tipo 4: exercitação em situações muito semelhantes ao jogo formal.

Contrariamente a Graça (1995), a autora, Rink (1985), desenha um modelo de abordagem, percorrendo sequencialmente a complexidade e equilibrando os quatro tipos de situações. Contudo existe uma clara crítica ao ensino em duas fases, em que na primeira a técnica fundamental é ensinada analiticamente, enquanto na segunda o jogo completo é exercitado desapoiado de um ensino explícito e claro. Como é facilmente perceptível toda e qualquer aprendizagem que salte das situações de tipo 1, para as de tipo 4 vai dificultar em muito o

transfer das habilidades simples para a situação de jogo formal, comprometendo-se a ligação entre estes dois momentos de aprendizagem, bem como a solidez e o significado de todas as aprendizagens até então efectuadas.

Ainda dentro deste assunto importa salientar que apesar de estas situações terem sido criadas numa sequência de crescendo de complexidade e dificuldade, não têm de aparecer na mesma sequência temporal. De outro modo estes tipos de situações de aprendizagem são inesgotáveis, pelo que a passagem de um nível para o outro, não implica obrigatoriamente o abandono do outro, observando-se mesmo em equipas de alto nível a coabitação de tipos de situações de exercitação com diversas tarefas. Porém, existe um mínimo de compromissos necessários adquirir para se chegar ao êxito na situação seguinte (Graça, 1995).

Um modelo de abordagem aos Jogos Desportivos Colectivos foi desenvolvido por Mertens e Musch (1990), em que a ideia base é a exercitação da técnica aparecer dependente dos problemas do jogo. Como tal as ideias onde assentam este modelo são:

- a) Simplificação do jogo formal em formas modificadas de jogo;
- b) Relação entre formas de exercitação e formas de jogo;
- c) Modo de integrar formas de exercitação e formas de jogo no decurso da instrução.

Como ponto de partida deste modelo temos a elaboração do jogo modificado e simplificado, atendendo ao nível evidenciado pelos alunos, tanto em relação aos conhecimentos que estes têm do jogo, bem como da sua facilidade para interpretar e serem capazes de facilmente adquirir as competências necessárias para este nível de jogo (Graça, 1995).

Este nível de jogo, como refere Graça (1995), tem de preservar a autenticidade do jogo, respeitando um conceito igual ao do jogo formal. Como tal os objectivos: finalização/contrariar finalização; criação de oportunidades de

finalização/impedir a criação de oportunidades de finalização; construção do ataque/dificultar a construção do ataque, terão de estar presentes.

As relações do dualismo cooperação/oposição devem estar presentes como forma de ligação entre o ataque e a defesa, estabelecendo-se uma dinâmica em que se passe de uma fase de ataque para uma fase defensiva naturalmente, não condicionando a realização dos alunos/atletas a situações em que as respostas são fechadas (Graça, 1995).

É através da observação e posterior avaliação dos alunos, em situação de jogo, que se irá construir o quadro de referência sobre o que importa exercitar e desenvolver, criando-se situações de exercitação das estruturas do jogo. Contudo, estas estruturas não devem esquecer os ingredientes específicos do jogo, Graça (1995), apelando à utilização das habilidades em situações problema.

Ao reduzir o número de jogadores, a restringir-se as zonas de acção e delimitando o quadro de possibilidades estamos a simplificar a leitura do jogo, não prescrevendo o como os atletas devem actuar em situação real de jogo (Graça, 1995).

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA DEFESA NO ANDEBOL

Oliveira (1995) refere que derivado da filosofia do andebol, a defesa assume um papel bastante importante, chegando mesmo a influenciar a imagem que o jogo transmite para o exterior.

O reduzido espaço de acção das equipas, o conteúdo das regras e a sua aplicação que levam e estimulam um permanente contacto físico, chegando por vezes a uma utilização faltosa e abusiva, quando a técnica individual é insuficiente para travar o adversário (Oliveira, 1995).

Assim durante alguns anos a grande prioridade era a melhoria dessas capacidades, como forma de combater alguma superioridade que a força bruta e a violência pudessem ter relativamente à criatividade e capacidade técnica individual (Oliveira, 1995).

Como tal, segundo Oliveira (1995), verificou-se que os sistemas defensivos adquiriram um maior dinamismo, capacidade de movimentação e eficácia, conseguindo o êxito num maior número de situações graças à capacidade técnica, à inteligência e à argúcia dos atletas.

O papel dos defesas depois de perderem a bola para o adversário, terá de ser direccionado para novamente alcançar a posse de bola, para tal, estorva-se e dificulta-se tanto quanto possível o jogo de ataque do adversário, aproveitando-se, então, para benefício próprio os erros que resultem dessa acção (Oliveira, 1995).

Neste momento, em que uma equipa perde a posse de bola, todos os seus jogadores tornam-se defesas. Nas acções que se seguem, distinguem-se a defesa individual e a defesa à zona, podendo existir como que um somatório das duas, designando-se este sistema de misto (Stein e Federhoff, 1978).

Na defesa individual, como destaca Stein e Federhoff (1978), os jogadores, a partir do momento em que a posse de bola passa para a equipa adversária, têm a tarefa de assumir e marcar o adversário pessoal, de estorvar ou até impedir, por meio de intercepção, a recepção da bola, de estorvar o passe e de utilizar a luta pessoal directa em drible.

Quando se utiliza uma defesa à zona, esta tarefa que se realiza, imediatamente após a perda de bola, concentra-se nas proximidades da baliza (Stein e Federhoff, 1978).

A organização em sistemas e a sua menor ou maior rigidez, profundidade ou agressividade alterou-se ao longo dos anos, alterando e transformando o próprio jogo (Oliveira, 1995).

2.2.1. DEFESA INDIVIDUAL

Este conceito de defesa indica que cada jogador tem de vigiar e defender constantemente, no decorrer do processo defensivo, um determinado adversário. Como tal o defensor deverá acompanhar o seu adversário directo quer este se encontre da posse de bola, ou não (Stein e Federhoff, 1978).

No caso de este se encontrar de posse de bola, o defensor deverá tentar importuna-lo, estorva-lo e até mesmo desarma-lo se para tal for capaz (Stein e Federhoff, 1978).

Este tipo de defesa individual, segundo Stein e Federhoff (1978), apresenta algumas vantagens, das quais iremos expor de seguida, as que achamos mais importantes:

- a) Pode ser posta em prática contra qualquer tipo de ataque;
- b) Rápida percepção, por parte do defensor, dos pontos fortes e fracos do seu adversário adaptando-se a essas características;
- c) Destina-se a cada defesa um único atacante, pelo que se poderá colocar o nosso melhor defensor contra o melhor atacante da equipa adversária.

Logicamente também existem desvantagens (Stein e Federhoff, 1978), sendo as mais determinantes:

- a) Sistema defensivo muito desgastante;
- b) Favorece a utilização de bloqueios pelos próprios e pelos adversários;
- c) Dificulta a saída para o ataque já que a disposição dos defensores quando estes ganham a posse de bola é imprevisível, sendo apenas determinada pela disposição organizacional do ataque.

Quando se utiliza este tipo de sistema defensivo devesse levar em linha de conta alguns factores como (Oliveira, 1995):

- a) A distância da baliza a que se joga esta defesa;
- b) A distância entre o defensor e o seu adversário.

Relativamente ao primeiro factor pode-se jogar de três formas distintas (Oliveira, 1995):

- a) Na proximidade da baliza até aos dez, doze metros;
- b) Em todo o meio campo;
- c) Em todo o campo.

Na primeira situação temos a vantagem de existir uma maior segurança, podendo mesmo existir ajuda se esta for treinada, verificando-se trocas de marcação que poderão resolver algumas situações problemáticas para a defesa. Na segunda situação devido a um maior espaço de defesa as probabilidades de falha aumentam, contudo a agressividade e premência relativamente ao ataque poderão trazer êxitos relacionados com intercepções e a provocação de falhas técnicas. Na terceira hipótese e devido ao grande espaço de defesa que existe é uma situação que, apenas, deverá ser usada em situações extremas e quando a garantia quanto à qualidade defensiva dos atletas é elevada, já que os riscos de inêxito são elevadíssimos (Oliveira, 1995).

Em relação ao segundo factor, como nos diz Oliveira (1995), podemos afirmar que este se encontra directamente dependente da qualidade e características, físicas e técnicas, dos adversários directos. Por norma, a organização deste sistema deverá respeitar um equilíbrio no que respeita à distribuição das tarefas defensivas individuais em função dos adversários, ou seja:

- a) Ao atacante mais criativo deve-se opor o defensor mais criativo;
- b) Ao atacante mais rápido deve-se opor o defensor mais rápido;
- c) Ao atacante mais pesado deve-se opor o defensor mais pesado.

Por outro lado, quando o adversário é rápido e apresenta grande mobilidade e capacidade de finta, é mais seguro conceder-lhe um maior espaço de maneira a ser possível a adaptação imediata e eficaz por parte do defensor às mudanças de trajectória do atacante directo (Oliveira, 1995).

Já quando se enfrenta um atacante lento e pesado, não se poderá conceder muito espaço, pois será bem mais difícil de o travar depois de este ter iniciado o movimento (Oliveira, 1995).

Segundo Oliveira (1995), de todas as formas aconselha-se o uso do sistema defensivo individual em treino e sempre que possível como forma de melhoramento das capacidades técnicas individuais e aprimoramento da condição física.

2.2.2. DEFESA ZONA

Contrariamente à defesa individual, como destacam Stein e Federhoff (1978), em que cada jogador persegue por todo o campo, um determinado adversário pessoal, esta defesa é caracterizada por ser uma defesa onde já existem permutas defensivas, onde os defesas “transmitem” o seu defesa ao companheiro de lado, ficando responsáveis pelo atacante do seu colega.

Outra das principais características deste tipo de defesa é o facto de este se cingir principalmente à área próxima da baliza, desenrolando-se primordialmente entre os 6m e os 10/12m conforme a agressividade imposta ao sistema defensivo (Stein e Federhoff, 1978).

Assim a distribuição dos defesas, segundo Stein e Federhoff (1978), por postos específicos na defesa, como pontas, laterais e centrais estabelece o que se designa por defesa em largura. Já quando se fala na disposição e deslocamentos que se efectuam entre os 6m e os 9m define a defesa em profundidade.

Estas zonas e espaços que vão designar a profundidade e a largura defensiva contribuem para ajudar à disposição individual e colectiva no sistema defensivo, no entanto, quando se fala de um confronto directo, atacante – defesa, o método defensivo individual é idêntico ao usado na defesa individual (Stein e Federhoff, 1978).

Stein e Federhoff (1978), relativamente aos espaços de acção, referem que tal já não se verifica, visto que, estes apenas poderão ser explicados levando em linha de conta o sistema atacante utilizado pelo adversário tendo em atenção a defesa que defrontam. Na marcação zonal e em cada fase do jogo defensivo todo o defensor defronta um avançado na sua zona respectiva, de modo que, a disposição do ataque influencia a disposição da defesa.

Espaço de acção é entendido pelo espaço que o defensor percorre, tanto para a direita, como para a esquerda até chegar ao seu colega de equipa que se encontra imediatamente a seguir. Este espaço aumenta quando a equipa se encontra em inferioridade numérica, já que para um mesmo espaço total, o número de defensores está reduzido, existindo um maior espaço defensivo individual (Stein e Federhoff, 1978).

Existe também, como apontam Stein e Federhoff (1978), o espaço de acção para trás e para a frente, profundidade, e que é estabelecido pelo tipo de sistema e ainda pela táctica escolhida, para fazer frente a determinado sistema ofensivo apresentado pelo adversário.

No andebol dos nossos dias a defesa à zona é a mais habitual e a que praticamente é usada, sendo que as zonas de saída dos jogadores está bem delimitada e definida, contrariamente ao que se verifica na defesa individual, não se alterando significativamente no decorrer do jogo (Stein e Federhoff, 1978).

Outra das grandes vantagens deste tipo de sistemas defensivos é: como os defensores não são obrigados a correr tanto, o consumo de energias é significativamente mais reduzido, quando comparado com o sistema individual. Contudo, obriga a uma elevada dose de concentração por parte dos atletas exigindo entradas em acção frequentes em espaços mais curtos, rotações e paragens mais intensas (Stein e Federhoff, 1978).

Stein e Federhoff (1978) referem que a desvantagem está em que as defesas têm como que aguardar que os atacantes desenvolvam as suas acções em

continuidade, o que por vezes pode ser prejudicial. Esta desvantagem pode ir sendo minimizada com a alteração à agressividade e profundidade que se requer ao nosso sistema defensivo.

Assim na defesa zona existem diversos sistemas defensivos que são designados pela posição dos defesas quando a bola se encontra na posse do central atacante (Oliveira, 1995). Os sistemas defensivos são designados por números, indicando estes, o número de jogadores que se encontram nas diversas linhas defensivas. O primeiro número corresponde aos jogadores que se encontram colocados na primeira linha defensiva, ou seja, os 6m. O segundo número corresponde à segunda linha defensiva e assim sucessivamente (Stein e Federhoff, 1978).

O ponto de referência para o observador é atrás da própria baliza para se poder assim verificar-se e analisar-se as evoluções de movimentos, as acções e os sistemas no sentido lateral e ainda de trás para a frente. Contudo, a disposição base dos jogadores defesas não se mantêm durante todo o jogo, já que conforme o método utilizado e também as situações específicas de jogo, a defesa vê se obrigada a deslocar-se e a evoluir para outras disposições, sem que se fale, imediatamente, de mudança de sistema defensivo (Stein e Federhoff, 1978).

Como exemplo do referido anteriormente, Stein e Federhoff (1978) falam na deslocação que um dos defesas que se encontra nos 6m, executa para controlar defensivamente o atacante que se encontra na 2ª linha do seu ataque “ameaçando” a baliza adversária, sendo esta uma situação normalíssima de um método particular utilizado num sistema defensivo.

Surge um problema quando se dispõem os jogadores nas diversas posições defensivas e que se relaciona numa fase mais evoluída do jogo, que é a preocupação em sair para o ataque rapidamente. Como tal deverá tentar-se que as posições defensivas correspondam rectilaneamente às posições que estes jogadores ocupam no ataque para que a transição defesa-ataque, e vice-versa, seja a mais correcta e eficaz possível (Stein e Federhoff, 1978).

Contudo nem sempre esta situação é fácil de resolver, tendo muitas das vezes os treinadores de encontrarem soluções que lhes permita ter uma defesa forte e eficaz, e ao mesmo tempo uma transição defesa-ataque, e vice-versa, que lhes assegure tanto a continuidade atacante como que um correcto posicionamento defensivo aquando da perda da posse de bola (Stein e Federhoff, 1978).

2.3. SISTEMAS DEFENSIVOS

A defesa à zona pode ser subdivida em diferentes sistemas defensivos, e que são o: **6:0**; **3:2:1**; **5:1**; **3:3** e o **4:2**. Existe, também como que uma conjugação entre a defesa zonal e a individual, sendo que se designam de *Defesas Mistas* e que são o **5+1**; **4+2**.

SISTEMA DEFENSIVO 6:0

Como refere Oliveira (1995), este sistema defensivo foi evoluindo e acompanhado a progressão que o próprio jogo de andebol foi sofrendo com o passar dos anos. Assim este sistema que por vezes chegou, até, a ser apelidado de conservador, em dada altura da sua história, transformou-se e tornou-se hoje em dia num sistema moderno.

O 6:0 pode assumir duas facetas, em que uma delas é a tradicional, onde sendo um sistema largo é, contudo, pouco profundo, enquanto a outra faceta de cariz mais criativo, que apresentando na mesma a sua largura é já bem mais profundo (Oliveira, 1995).

Na primeira faceta encontram-se equipas bem dotadas fisicamente, quer em termos de peso e altura, quer mesmo em termos de índices de força. Tudo isto devido à dificuldade que apresentam ao adversário, já que é uma defesa estilo “muro” em que sendo mais forte e alta que a outra equipa estará em vantagem (Oliveira, 1995).

Relativamente à segunda vertente de cariz mais criativo surge-nos associada a ideia de uma equipa com grande condição física, uma boa qualidade técnica individual, um apurado sentido organizativo bem como uma elevada dose de criatividade, que irá favorecer esta equipa, que podendo ser mais “fraca” em termos de altura e peso, ganhará em mobilidade (Oliveira, 1995).

Oliveira (1995) destaca que neste sistema apresentam-se seis elementos na mesma linha defensiva com três tipos de funções distintas: 2 extremos; 2 laterais e 2 centrais. Assim as suas funções/responsabilidades são:

Extremos:

- Condicionar e controlar as acções do ponta;
- Ajudar o companheiro que lhe está mais próximo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Estabelecer com o guarda-redes o ângulo de remate da ponta a permitir ao adversário;
- Tentar impedir a entrada do ponta aos seis metros, acompanhando-o até ser possível a troca de marcação, caso não o consiga;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção.

Laterais:

- Sair ao portador da bola na sua zona de acção, sempre em coordenação com o central do seu lado;
- Condicionar e controlar as acções do lateral contrário respectivo;
- Marcar um dos pivots que permaneçam nos seis metros, em coordenação com o central, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no espaço de actuação;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros do seu adversário directo e fazer a devida troca de marcação, logo que possível.

Centrais:

- Dirigir a defesa no seu todo e na sua movimentação;

- Marcar os pivots que eventualmente permaneçam nos seis metros, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Garantir a homogeneidade e o equilíbrio da organização defensiva;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção, sempre em coordenação com o outro central e com o lateral desse lado;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação.

SISTEMA DEFENSIVO 5:1

O sistema defensivo 5:1 foi desde sempre um dos mais utilizados, por combinar características importantes ao êxito, tais como ser medianamente profundo mas, ao mesmo tempo, suficientemente largo. Como tal apresenta grande adaptabilidade aos sistemas atacantes adversários (Oliveira, 1995).

Por causa da diversidade de Escolas e, mesmo em épocas diferentes, este sistema têm assumido diversas formas organizativas de maior ou menor agressividade, com uma distinta actuação por parte do defesa avançado e ainda com particularidades de actuação por parte dos restantes defesas (Oliveira, 1995).

Esta diversidade de actuação que poderá levar a uma maior ou menor agressividade também pode ser alterada e adaptada, tendo em conta o adversário que se defronta. Assim para um ataque que privilegia a finalização aos seis metros teremos um sistema mais recuado, enquanto que para um ataque onde a finalização de meia distância é forte apresentaremos um sistema defensivo bem mais agressivo e profundo (Oliveira, 1995).

A organização base deste sistema inclui cinco jogadores na 1ª linha defensiva (2 extremos, 2 laterais e 1 central), e ainda um jogador na 2ª linha defensiva (defesa avançado), em que as suas funções/responsabilidades são, de acordo com Oliveira (1995):

Extremos:

- Condicionar e controlar as acções do ponta;
- Ajudar o companheiro que lhe está mais próximo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Estabelecer com o guarda-redes o ângulo de remate da ponta a permitir ao adversário;
- Tentar impedir a entrada do ponta aos seis metros, acompanhando-o até ser possível a troca de marcação, caso não o consiga;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção.

Laterais:

- Sair ao portador da bola na sua zona de acção, sempre em coordenação com o central;
- Condicionar e controlar as acções do lateral contrário respectivo;
- Marcar um dos pivots que permaneçam nos seis metros, em coordenação com o central, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no espaço de actuação;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros do seu adversário directo e fazer a devida troca de marcação, logo que possível.

Central:

- Dirigir a defesa no seu todo e na sua movimentação;
- Marcar o pivot, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Garantir a homogeneidade e o equilíbrio da organização defensiva;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção, sempre em coordenação com o lateral desse lado;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação.

Defesa Avançado:

- Condicionar e controlar as acções do central contrário, ou de quem actuar nesse espaço momentaneamente;
- Actuar em conformidade com a organização defensiva no seu todo, mantendo uma permanente ligação;

- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Fechar parcialmente o espaço que se abre com a saída de qualquer um dos laterais, ajudando em caso de necessidade;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros e fazer a respectiva troca de marcação, logo que possível, aí permanecendo caso seja essa a estratégia estabelecida ou retomando a sua posição anterior;
- Interceptar qualquer passe para o interior da defesa.

SISTEMA DEFENSIVO 4:2

Oliveira (1995) aponta o 4:2 como um sistema histórico que foi aparecendo com a evolução do jogo.

No início do andebol de sete, este sistema defensivo era usado como sistema de transição, principalmente nos países nórdicos, caindo praticamente em desuso. Devido às tendências evolutivas poderá acontecer o seu aparecimento em maior percentagem (Oliveira, 1995).

Sendo um sistema profundo é contundo pouco largo, podendo ser utilizado quando o adversário utiliza dois pivots fixos. A sua formação integra: 4 jogadores na 1ª linha (2 extremos e 2 laterais), e 2 jogadores na 2ª linha (dois defesas avançados laterais). Como apresenta Oliveira (1995), as suas funções/responsabilidades são:

Extremos:

- Condicionar e controlar as acções do ponta;
- Ajudar o companheiro que lhe está mais próximo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Estabelecer com o guarda-redes o ângulo de remate da ponta a permitir ao adversário;
- Tentar impedir a entrada do ponta aos seis metros, acompanhando-o até ser possível a troca de marcação, caso não o consiga;

- Sair ao portador da bola na sua zona de acção.

Laterais:

- Dirigir a defesa no seu todo e na sua movimentação;
- Marcar os pivots, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Garantir a homogeneidade e o equilíbrio da organização defensiva;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação.

Defesas Avançados Laterais:

- Sair ao portador da bola na sua zona de acção, sempre em coordenação com o outro defesa avançado;
- Condicionar e controlar as acções do lateral contrário respectivo;
- Recuperar parcialmente aos sete metros, quando a bola se encontra do lado contrário;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Fechar parcialmente o espaço que se abre com a saída de qualquer um dos laterais, ajudando em caso de necessidade;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros do seu adversário directo e fazer a devida troca de marcação, logo que possível;
- Interceptar qualquer passe para o interior da defesa.

SISTEMA DEFENSIVO 3:3

Tal como o sistema defensivo anterior, também este é histórico por ter acompanhado a evolução do jogo e ter sido bastante utilizado nos primórdios do andebol de sete, caindo depois em desuso, após ter sido bastante utilizado pelos nórdicos. Hoje em dia já aparecem algumas equipas a utilizar novamente este sistema defensivo, sem contudo a sua utilização ser assim muito visível (Oliveira, 1995).

Pouco largo e bastante profundo, com vulnerabilidade na zona das pontas e eventualmente no seu interior, sendo aconselhável a sua utilização em equipas

muito fortes atleticamente e pesadas, principalmente na sua primeira linha, logo com pouco mobilidade (Oliveira, 1995).

Não se aconselha de todo a utilização deste tipo de defesa contra ataques em que se utilizam dois pivots, já que será praticamente impossível ao defesa central resolver o problema sozinho, já que os seus deslocamentos são de grande amplitude e ainda porque a falta de apoio dos seus companheiros é inexistente (Oliveira, 1995).

Como assinala Oliveira (1995), a formação base deste sistema é composto por: três jogadores na 1ª linha (2 extremos e 1 central); e três jogadores na 2ª linha (2 defesas avançadas laterais e 1 central). As suas funções/responsabilidades caracterizam-se por:

Extremos:

- Condicionar e controlar as acções do ponta;
- Ajudar o lateral que lhe está mais próximo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Estabelecer com o guarda-redes o ângulo de remate da ponta a permitir ao adversário;
- Tentar impedir a entrada do ponta aos seis metros, acompanhando-o até ser possível a troca de marcação, caso não o consiga;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção.

Central:

- Dirigir a defesa no seu todo e na sua movimentação;
- Marcar o pivot, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Marcar um segundo pivot que entre no interior da defesa momentaneamente;
- Garantir a homogeneidade e o equilíbrio da organização defensiva;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação.

Defesa Avançado Central:

- Condicionar e controlar as acções do central contrário, ou de quem actuar nesse espaço momentaneamente;
- Actuar em conformidade com a organização defensiva no seu todo, mantendo uma permanente ligação;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Fechar parcialmente o espaço que se abre com a saída de qualquer um dos defesas avançados laterais, ajudando em caso de necessidade;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros e fazer a respectiva troca de marcação, logo que possível, aí permanecendo, caso seja essa a opção estratégica, ou retomando a sua posição anterior;
- Interceptar qualquer passe para o interior da defesa.

Defesas Avançados Laterais:

- Sair ao portador da bola na sua zona de acção;
- Condicionar e controlar as acções do lateral contrário respectivo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros do seu adversário directo e fazer a devida troca de marcação, logo que possível, aí permanecendo, caso seja essa a opção estratégica, ou retomando a sua posição anterior;
- Recuperar parcialmente cerca dos sete metros, quando a bola se encontra do lado contrário;
- Recuperar parcialmente cerca dos sete metros, quando a bola se encontra no ponta do seu lado;
- Interceptar qualquer passe para o interior da defesa.

SISTEMA DEFENSIVO 3:2:1

Utilizado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de 1972 em Munique, pela equipa da Jugoslávia representou uma autêntica revolução nos conceitos defensivos, continuando a ser, ainda hoje em dia, uma referência, até pelas transformações e evoluções que têm vindo a sofrer (Oliveira, 1995).

Segundo Oliveira (1995), e como a própria designação faz adivinhar este sistema defensivo é composto por três linhas defensivas, onde os extremos e o central perfazem a 1ª linha defensiva; já os defesas avançados laterais constituem a 2ª linha defensiva. Por último temos a 3ª linha defensiva que comporta o defesa avançado central.

Este sistema pode ser usado contra equipas que tenham especialistas de remates de longa distância e, sejam ao mesmo tempo fortes fisicamente, fazendo concentrar na zona central a grande maioria dos seus elementos, zona por norma, procurada para concretizar por parte dos atacantes (Oliveira, 1995).

É muito profundo e pouco largo, sendo que os extremos deste sistema, têm um grande espaço de responsabilidade pelo que terá de prevalecer a capacidade técnica individual. No entanto este sistema tem acompanhado a evolução do próprio jogo pelo que foi sendo sujeito a adaptações de todo o tipo (Oliveira, 1995).

Como destaca Oliveira (1995), foi deixando de ser apenas aquele sistema tradicional posto em prática pelos Jugoslavos, e foi adquirindo criatividade e modernismo através dos Dinamarqueses e Sul-Coreanos.

As responsabilidades/funções dos intervenientes neste sistema são (Oliveira, 1995):

Central:

- Dirigir a defesa no seu todo e na sua movimentação;
- Marcar um segundo pivot que eventualmente faça a sua entrada nos seis metros;
- Garantir a homogeneidade e o equilíbrio da organização defensiva;
- Marcar o seu adversário directo, o pivot, perante o qual se deve colocar lateralmente, em marcação de intercepção à linha de passe;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação.

Defesas Avançadas Laterais:

- Sair ao portador da bola na sua zona de acção;
- Condicionar e controlar as acções do lateral contrário respectivo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros do seu adversário directo e fazer a devida troca de marcação, logo que possível, aí permanecendo, caso seja essa a opção estratégica, ou retomando a sua posição anterior;
- Recuperar parcialmente cerca dos sete metros, quando a bola se encontra do lado contrário;
- Recuperar parcialmente cerca dos sete metros, quando a bola se encontra no ponta do seu lado;
- Interceptar qualquer passe para o interior da defesa.

Extremos:

- Condicionar e controlar as acções do ponta;
- Ajudar o lateral que lhe está mais próximo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Estabelecer com o guarda-redes o ângulo de remate da ponta a permitir ao adversário;
- Tentar impedir a entrada do ponta aos seis metros, acompanhando-o até ser possível a troca de marcação, caso não o consiga;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção.

Defesa Avançado Central:

- Condicionar e controlar as acções do central contrário, ou de quem actuar nesse espaço momentaneamente;
- Actuar em conformidade com a organização defensiva no seu todo, mantendo uma permanente ligação;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Fechar parcialmente o espaço que se abre com a saída de qualquer um dos defesas avançados laterais, ajudando em caso de necessidade;

- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros e fazer a respectiva troca de marcação, logo que possível, aí permanecendo, caso seja essa a opção estratégica, ou retomando a sua posição anterior;
- Interceptar qualquer passe para o interior da defesa.

SISTEMAS DEFENSIVOS MISTOS (5+1 E 4+2)

Oliveira (1995) diz que estes sistemas defensivos, que combinam a defesa individual com a defesa à zona, são frequentemente utilizados para anular a acção influente de um ou mais jogadores, tanto a finalizar como a organizar, ou ainda para resolver situações momentâneas como em superioridade numérica ou momentos finais do jogo.

Quando se utilizam estes sistemas à que ter a noção que os jogadores que ficam a defender à zona se encontram bem mais vulneráveis já que o espaço a percorrer é maior, visto que, falta um ou dois jogadores, logo poderá ser uma vantagem para o ataque. Para colmatar tal situação é necessário que os defesas zonais tenham uma elevada capacidade técnica defensiva (Oliveira, 1995).

Oliveira (1995) aponta que, para se ter um pouco da noção da diferença de se ter menos um defesa ou não, os espaços de responsabilidade individual aumentam cerca de 20%, com menos um jogador, enquanto que, com menos dois jogadores este espaço aumenta para 50%, o que acaba por ser muito significativo. Como tal, para se apostar num sistema defensivo destes há que ter bem presente a capacidade defensiva da nossa equipa, bem como da capacidade atacante do adversário, tendo que numa relação de confronto directo a nossa defesa ser superior, pelo menos num plano teórico.

Estes sistemas defensivos compõem-se por: 4 ou 5 elementos na 1ª linha defensiva (2 extremos e 2 laterais, ou dois extremos, dois laterais e um central) e ainda por 1 ou 2 elementos em marcação individual. Assim as suas funções/responsabilidades são, como refere Oliveira (1995):

Extremos:

- Condicionar e controlar as acções do ponta;
- Ajudar o companheiro que lhe está mais próximo;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Estabelecer com o guarda-redes o ângulo de remate da ponta a permitir ao adversário;
- Tentar impedir a entrada do ponta aos seis metros, acompanhando-o até ser possível a troca de marcação, caso não o consiga;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção.

Laterais:

- Sair ao portador da bola na sua zona de acção, sempre em coordenação com o central;
- Condicionar e controlar as acções do lateral contrário respectivo;
- Marcar o pivot que permaneça nos seis metros, em coordenação com o central ou o outro lateral, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação;
- Acompanhar qualquer entrada aos seis metros do seu adversário directo e fazer a devida troca de marcação, logo que possível.

Central:

- Dirigir a defesa no seu todo e na sua movimentação;
- Marcar o pivot que eventualmente permaneça nos seis metros, sempre em marcação de intercepção à linha de passe;
- Sair ao portador da bola na sua zona de acção, sempre em coordenação com o lateral;
- Tentar impedir a concretização de qualquer remate no seu espaço de actuação.

3. METODOLOGIA

3.1. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

O propósito deste trabalho é o de analisar as concepções que os treinadores de andebol têm acerca dos Regulamentos Técnico Pedagógicos da Federação de Andebol de Portugal, e da sua génese enquanto quadro normativo da formação de futuros atletas da modalidade, dando particular importância à capacidade técnica defensiva.

Depois de pensar um pouco, e de forma a tornar este meu trabalho o mais simples, e ao mesmo tempo o mais correcto possível, optei por fazer uso dos inquéritos. E para dar continuidade ao referido, e também para que o trabalho estatístico fosse simplificado, optei por resposta em escalas.

Pretendo assim, com as respostas dadas criar como que uma conclusão geral para cada questão, no intuito de atingir os objectivos pretendidos e chegar assim a um determinado ponto de compreensão da informação adquirida.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Deste estudo fizeram parte 25 treinadores, dos quais 10 são treinadores de equipas seniores, tanto masculinas como femininas e ainda actuando em provas nacionais. Os restantes são treinadores dos escalões de formação sendo que aqui a variação de escolha tentou ser a mais alargada possível, para que se confrontassem ideias e modos de pensar diversificados.

Dos 25 treinadores em questão 15 são do sexo masculino enquanto que 10 são do sexo feminino, têm idades compreendidas entre os 23 e os 58 anos de idade, e o intervalo de experiência dos mesmos, como treinadores, varia entre os 3 e os 26 anos.

A escolha destes treinadores obedeceu aos seguintes critérios: (1) formação académica dos treinadores (de todos os entrevistados 88% apresentam licenciaturas); (2) experiência enquanto treinador (dos entrevistados, tirando uma minoria, a grande maioria apresenta já uma experiência assinalável); (3) contacto com a modalidade (pois com excepção de dois elementos, dos treinadores inquiridos todos eles já passaram também pela modalidade enquanto atletas).

Entendemos que este trabalho para se fundamentado correctamente, e com reflexões ao nível do conhecimento, tanto teórico como vivenciado, deveria ter uma amostra não só de treinadores do escalão de seniores, mas também dos escalões de formação. Também se optou por treinadores tanto de escalões femininos, como masculinos, pois os regulamentos técnico pedagógicos são dirigidos a ambos.

Optamos, também, por ter na amostra, não apenas treinadores pertencentes à Associação de Andebol do Porto, mas também alguns deles da Associação de Andebol de Aveiro e um da Associação de Andebol de Braga, no sentido de esta ser o mais abrangente possível, para assim se poder extrair as várias ideias que circulam no meio andebolístico relativamente aos regulamentos técnico-pedagógicos.

3.3. VARIÁVEIS DO ESTUDO

Tendo como base as questões iniciais do estudo, procurou-se destacar através dos inquéritos, a concepção dos entrevistados sobre as variáveis que norteiam este estudo: (1) Estruturação do Espaço do Jogo Defensivo; (2) Espaço de Jogo; (3) Objectivo do Jogo.

Estruturação do Espaço de Jogo – apresenta-se como um princípio do jogo, cuja concretização depende da aplicação de regras de acção defensivas. Considerada a variável, a partir da qual se desenvolvem as acções do jogo defensivo, procurando destacar as regras que promovem uma ocupação do

espaço racional e coerente. Intimamente ligada à capacidade de interpretação espacial, que permitirá efectuar as flutuações, ajudas e intercepções, para assim defender os espaços livres passíveis de serem ocupados.

Espaço de Jogo – refere-se a uma variável que, em situação de jogo, pode apresentar duas formas. Assim ou o jogo é jogado rapidamente no grande espaço sem grandes arranjos táticos, baseado fundamentalmente nas capacidades físicas e técnicas dos executantes. Ou temos o jogo no pequeno espaço, onde, aqui sim já existe uma maior preocupação tática e colectiva, não sendo a componente física de extrema importância, como anteriormente.

Objectivo do Jogo – realça a importância que uma correcta formação dos jovens, faz com que estes deixem de ter o jogo direccionado isoladamente, tendo de ir ganhando outras preocupações como os seus companheiros, bem como a defesa da sua própria baliza, para assim chegarem à necessidade de defender e compreender o jogo como um todo, em que é preciso atacar bem, mas defender ainda melhor.

3.4. PROCEDIMENTOS DA RECOLHA DE DADOS

Aqui escolhemos um modelo de inquérito de resposta fechada, com uma sucessão de 29 questões, todas elas alinhadas e sequenciadas logicamente. Como tal não houve possibilidade a grandes reflexões, já que a forma como estavam elaboradas as perguntas também não o permitiam.

Como tal para responder às questões que compõem o inquérito decidimos, elaborar uma Escala de Likert constituída por 5 níveis de resposta, que varia entre o concordo plenamente e o discordo totalmente, sendo a escala a seguinte:

- 1) - Concordo plenamente;
- 2) - Concordo;
- 3) - Concordo pouco;
- 4) - Discordo;

5) - Discordo totalmente.

Assim seleccionamos os treinadores, pelo conhecimento de alguns deles, enquanto, os restantes foram escolhidos tendo em atenção a localização dos seus jogos, de forma a facilitar a entrega dos inquéritos. Inquéritos estes, entregues num envelope que deveria ser devolvido fechado. Numa segunda parte recolhi os inquéritos para posteriormente os analisar.

Os inquéritos foram respondidos individualmente e sem intervenções da minha parte, já que a sua maioria fê-lo sem a minha presença, por uma questão de falta de tempo para responderem de imediato. Não tive grandes preocupações para com o sucedido já que o inquérito não apresentava grande dificuldade de interpretação, sendo todas as questões sem excepção simples e de fácil compreensão.

Para a elaboração deste inquérito recorri a um interveniente na área dos Jogos Desportivos Colectivos, mais concretamente da modalidade em causa, o andebol, para que assim a validade deste inquérito não fosse posta em causa.

3.5. PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DE DADOS

A primeira fase da análise consistiu na codificação de todo o material recolhido, onde colocamos todos os dados relativos às 29 questões, para depois recorrer ao uso da estatística descritiva em percentagens, para melhor explicar e estudar o resultado dos inquéritos.

Elaboramos também uma grelha de codificação que me permitiu elaborar as questões e ainda especificar e melhor compreender as minhas variáveis. A elaboração da grelha de codificação é o método utilizado pelo investigador na procura e selecção de determinados elementos e, simultaneamente, na exclusão e omissão de outros, que o investigador considera supérfluos e desnecessários para o estudo. Segundo Graça (1997), a codificação é um

processo de filtragem, triagem e catalogação da informação que facilita a condensação dos dados da investigação.

A construção da grelha foi baseada na literatura específica, posteriormente associada à apreciação de um treinador perito e que acabou por finalmente chegar a este ponto:

CAPACIDADE TÁCTICA INDIVIDUAL	
Pressupostos da tática individual	Treino da tática individual
Formação desportiva	Oposição
Atenção selectiva	Tarefa
Criatividade	Espaço/Tempo
Compreensão da funcionalidade do jogo	Exigências do jogo
PRINCÍPIOS DE JOGO E REGRAS DE ACÇÃO	
Estruturação do espaço de jogo	
<i>Ofensivo</i>	<i>Defensivo</i>
Amplitude e profundidade	Flutuação
Desmarcação	Sistema defensivo adversário
	Ocupação dos espaços
	Criação de espaços
Linhas de passe	Entreajuda
	Intercepção
FUNDAMENTOS DA ESTRUTURAÇÃO DO JOGO	
Espaço de Jogo	
Grande espaço	
Pequeno espaço	
Relação com a bola	
Concentração em torno da bola	
Procura de linhas de passe	
Objectivo do jogo	
Jogo direccionado para o alvo isoladamente	
Jogo direccionado para o alvo tendo em conta os colegas	
Preocupação em jogar direccionado para o alvo tendo em atenção a defesa da sua baliza	

Legenda: Grelha de Codificação (adaptado de Freitas, 2005)

Nesta grelha de codificação foram representadas as três dimensões, as quais foram responsáveis pelo desenvolvimento deste trabalho, que são:

Capacidade Tática – considera os pressupostos e os fundamentos que justificam a sua importância no desenvolvimento do jogo e inclui os aspectos essenciais no seu treino.

Princípios de Jogo e Regras de Acção – apresentam-se como os fundamentos táticos que sustentam o desenvolvimento do jogo; destacam as regras de acção que se encontram subjacentes à estruturação do espaço de jogo, nomeadamente no desenrolar do jogo defensivo, salientando as formas que este pode adoptar tendo em atenção a técnica individual para o decorrer das acções de jogo.

Fundamentos da Estruturação do Jogo – refere-se à estruturação funcional do jogo de andebol, com base na relação sistemática estabelecida entre o objectivo do jogo, a relação com a bola e ainda o espaço de jogo.

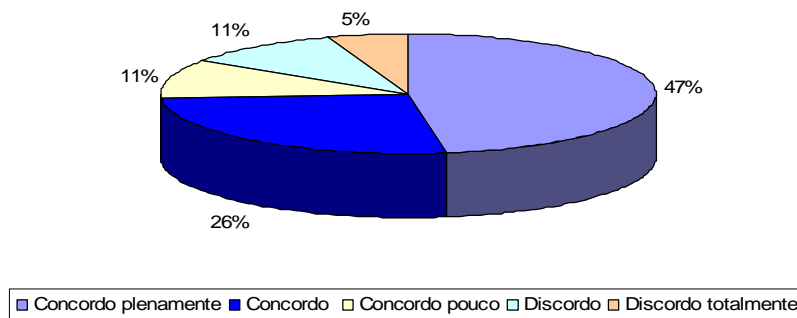
Posteriormente analisamos as questões individualmente, tentando agrupa-las, para assim se conseguir através destes conjuntos confirmar a coerência das respostas obtidas, e ainda para assim poder estudar as respostas dadas e tirar conclusões pertinentes e fiáveis. Com isto tentei transformar todos os dados em bruto numa representação de conteúdo esclarecedora e susceptível de clarificar o investigador acerca dos dados recolhidos.

Esta operação subjacente à análise dos dados evidenciados pelas categorias supra citadas, permitiu examinar o conjunto total de dados com base no que foi codificado. Com o intuito de salientar as conclusões mais importantes acerca da concepção do jogo defensivo, a fase da discussão dos resultados sustentaram-se-á na categorização realizada.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de começar a apresentação dos resultados quero apenas referir que todas as questões foram baseadas numa pequena introdução que passo a transcrever de modo a melhor se perceber o sentido das mesmas: “O regulamento técnico-pedagógico da Federação de Andebol de Portugal tem influência directa no desenvolvimento dos fundamentos da estruturação do jogo, pelo que.”.

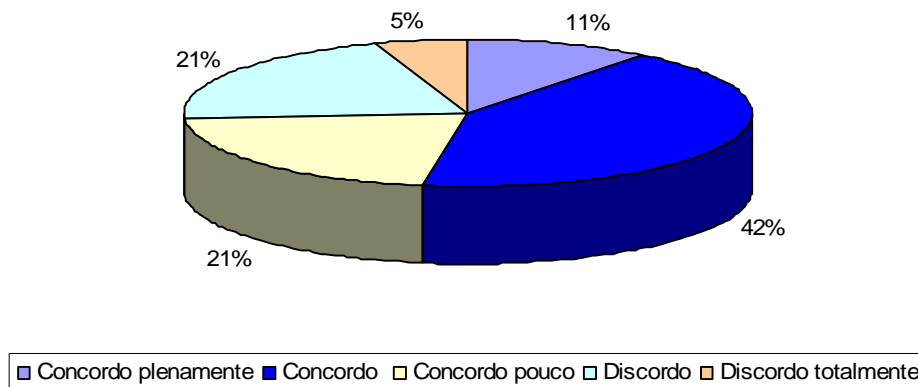
Gráfico 1 - Nos escalões de formação é adequado que não sejam permitidas defesas mistas



Relativamente a esta questão pode-se constatar que é consensual, entre os inquiridos, que os sistemas defensivos mistos não sejam permitidos nos escalões de formação, onde cerca de 70% concorda (quando se soma os que dizem concordar com os que concordam plenamente). Verificando-se que apenas 16% diz discordar com esta situação, juntando os que discordam com os que discordam totalmente.

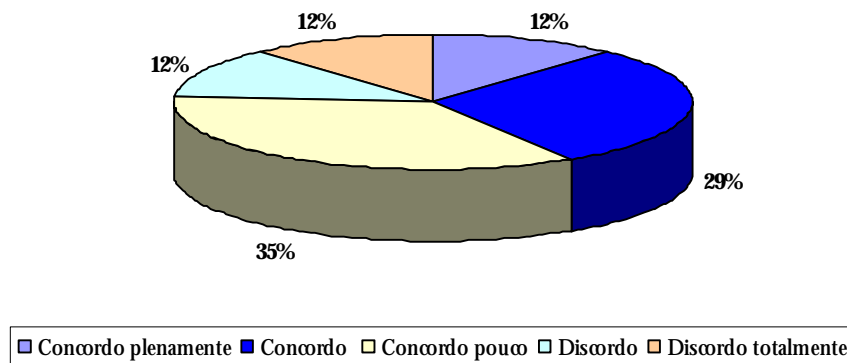
Como referido por Oliveira (1995), os sistemas defensivos mistos, 5+1 e 4+2, são usados para anular a acção influente de um determinado jogador, cortando assim o normal desenrolar do jogo de andebol, tanto a nível defensivo, com o aumento do espaço de defesa que cabe a cada jogador, como a nível atacante onde menos um jogador poderá facilitar ou dificultar, o objectivo atingir, com uma total desvirtualização do jogo de andebol, que importa transmitir aos jovens praticantes.

Gráfico 2 - Contribui para a diferenciação do jogo no grande espaço, jogo anárquico para o jogo em zonas (grande e pequeno espaço)



Nesta segunda questão continua a prevalecer uma maior percentagem de treinadores a concordarem e a concordarem plenamente que existe uma diferenciação do jogo anárquico para o jogo em zonas, contudo, é visível uma maior percentagem de respostas a discordarem (soma dos que discordam e discordam totalmente), cerca de 26%, sendo que, perto de um 25% de respostas fica indeciso, respondendo que concorda pouco, não assumindo uma posição mais clara. Aqui também é claro que a grande percentagem que concorda plenamente na 1ª questão, aqui passa apenas a concordar, perdendo um pouco da segurança da sua resposta.

Gráfico 3 - Contribui para a construção/compreensão dos sistemas de jogo

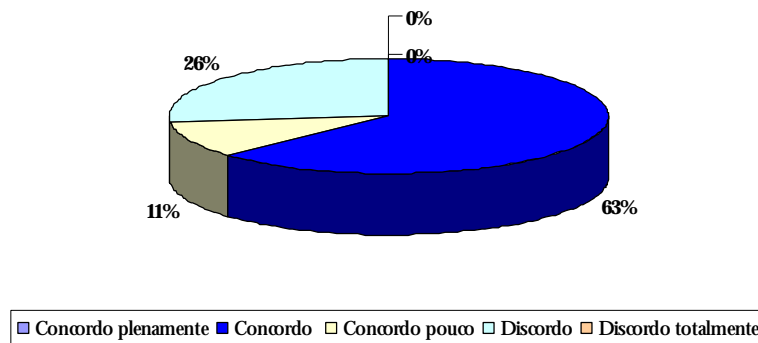


A terceira questão está relacionada com a construção/compreensão dos sistemas de jogo, e aqui o concordo e concordo plenamente com cerca de 40%, perde um pouco a sua homogeneidade anterior, passando o concordo

pouco, o nível intermédio, a apresentar maior percentagem, notando-se uma clara tendência para a existência de maiores dúvidas em relação à questão em causa. Os discordantes em conjunto com os discordantes totalmente continuam na ordem dos 25%, pelo que é aceitável pensar que serão os mesmos de outrora.

Aqui é importante lembrar que para o correcto ensino dos Jogos Desportivos Colectivos é necessário que os jovens tenham a noção e sentido de jogo, tal como defende Graça (1995), para assim poderem avançar no processo de ensino-aprendizagem, do qual fazem parte os sistemas de jogo.

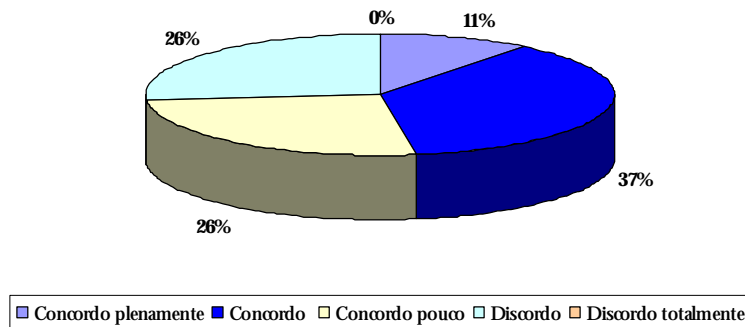
Gráfico 4 - Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo com base em acções individuais



Ao analisar esta pergunta é notória que a grande maioria dos treinadores concorda que o avançar do jogo ofensivo se baseia em acções individuais, o que acaba por ser verdade, mesmo para quem observa jogos de andebol dos escalões inferiores, como é o caso dos infantis. Mais uma vez existe um grupo de cerca de 25% dos inquiridos a pensar contrariamente e a discordar do questionado.

Claro que se torna extremamente importante o desenvolvimento individual dos atletas, o problema é se estes são sempre os mesmos, e as oportunidades de melhorar acabam por estar desigualmente distribuídas, favorecendo apenas os mais fortes, não sendo para todos como deveria ser (Garganta, 1995).

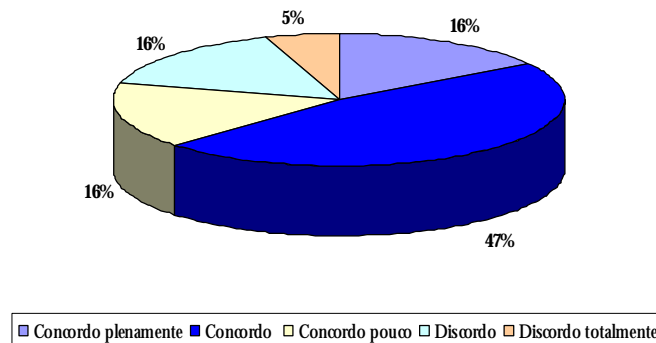
Gráfico 5 - Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo respeitando a defesa da sua baliza



Aqui pode-se inferir que cerca de metade dos inquiridos (37% que concordam mais 11% que concordam plenamente) pensa que este regulamento técnico-pedagógico permite aos atletas direccionar o jogo ofensivo tendo em atenção a defesa da sua baliza. Mais uma vez, e continuando a tendência das respostas anteriores, 25% discorda desta questão, enquanto os restantes 25%, ficam-se pelo nível intermédio, não assumindo claramente uma resposta.

Esta questão visa saber se este regulamento permite aos jovens atletas atingir as etapas de referência que irão guiar e fundamentar didacticamente o processo de ensino dos jogos desportivos (Garganta, 1995).

Gráfico 6 - Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo considerando a relação de cooperação com colegas

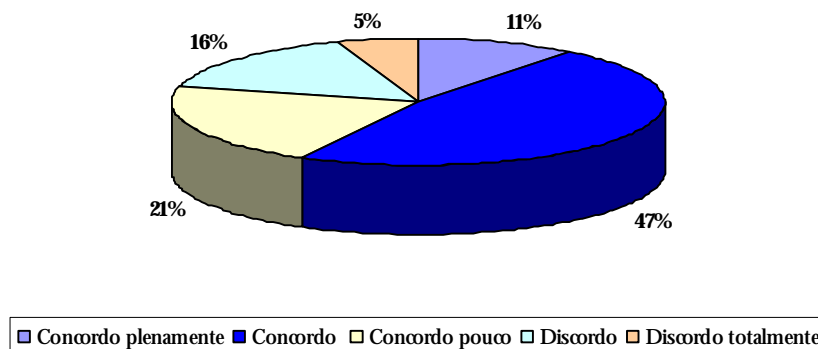


Uma esmagadora maioria de cerca de 60%, somando o concordo com o concordo plenamente, considera que o direccionamento do jogo ofensivo em

relação ao alvo é feita através da relação de cooperação com os colegas. Sendo esta, uma questão contrária à número 4, deveriam aqui as percentagens serem também contrárias, pois assim a grande maioria considera que o jogo se baseia em acções individuais e de cooperação com os colegas, o que acaba por ser um pouco incoerente. O número de discordantes, passa de 25% para 20%, diminuindo um pouco.

Aqui mais uma vez está patente o facto de os jovens praticantes, durante o processo de ensino aprendizagem, passarem por diversas etapas, que se diferenciam entre si através dos elementos intervenientes, neste caso os colegas (Garganta, 1995).

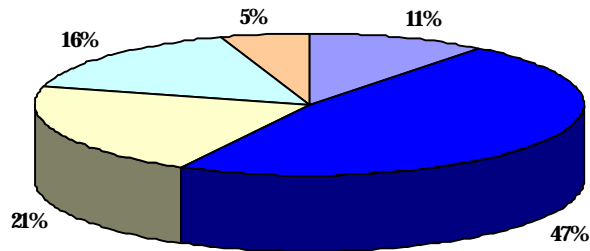
Gráfico 7 – Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo com base em acções individuais



A questão número 7, sendo semelhante à 4, irá concordar em termos de percentagem, mostrando a coerência das respostas dos inquiridos. Assim pode-se observar que da questão 4, para a 7 existe um aumento de 10% do nível intermédio, pelo que, 5% vieram dos discordantes, considerando o discordo e o discordo totalmente, enquanto os outros 5% vieram dos concordantes, considerando o somatório do concordo com o concordo plenamente. Como tal verifica-se que cerca de 10% dos inquiridos se encontram com algumas dúvidas, pois como referido anteriormente, este nível de concordo pouco, apresenta-se como a resposta para quem não tem a

certeza absoluta, já que nem concorda, nem discorda, existindo como que uma negação de resposta.

Gráfico 8 - Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo considerando a relação de cooperação com os colegas

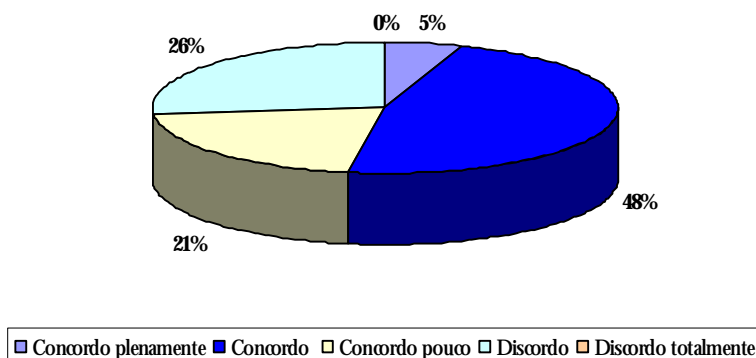


■ Concordo plenamente ■ Concordo □ Concordo pouco □ Discordo □ Discordo totalmente

Esta questão que deveria apresentar algum contraste com a anterior, devido a uma se referir às acções individuais e outra à cooperação com os colegas, curiosamente apresentam ambas os mesmos valores, o que deixa no ar algumas dúvidas quanto à coerência das respostas da amostra seleccionada. Por outro lado, poderá significar que os treinadores consideram que a compreensão, ou não, da profundidade do jogo ofensivo considera ambas.

Mais uma vez está patente nesta questão as fases didácticas de relação do processo de ensino dos jogos desportivos por onde os jovens devem passar de modo a irem adquirindo progressiva e escalonadamente todos os elementos necessários ao jogo como a bola, a relação com os companheiros, o adversário e o alvo.

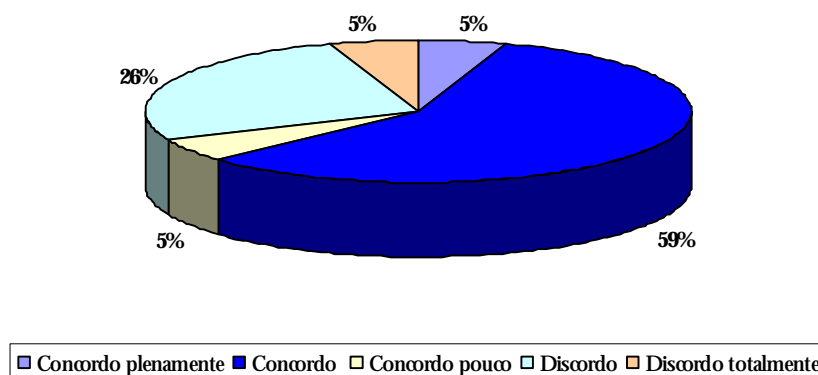
Gráfico 9 – Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo respeitando a defesa da sua baliza



Nesta questão, metade dos inquiridos concorda que os regulamentos contribuem para que os jovens atletas respeitem a defesa da sua baliza, quando atacam, tendo em atenção a junção do concordo e do concordo plenamente, mais uma vez. No entanto, aqueles 25% discordantes mantêm a sua tendência de resposta, sendo fiel às suas ideias desde de início.

A tendência para a maioria dos questionados considerar que estes regulamentos técnico-pedagógicos favorecem a percepção de que os jovens evoluíram solidamente e atendendo às diversas fases mantêm-se.

Gráfico 10 - Contribui para a compreensão da amplitude do jogo ofensivo com base em acções individuais

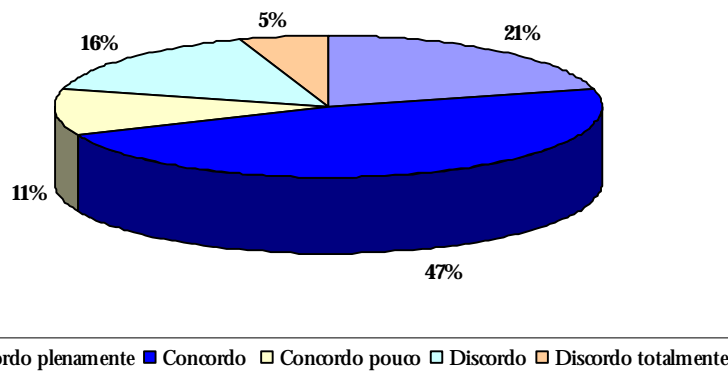


Como é bem visível pela grande mancha azul, correspondente ao concordo e ao concordo plenamente, no gráfico, constata-se que 64% dos inquiridos

concorda com a questão, enquanto 31% diz discordar, considerando o discordo e o discordo totalmente, e apenas 5% não sabe muito bem. Como tal os treinadores consideram que os regulamentos técnico-pedagógicos contribuem para a compreensão da amplitude do jogo ofensivo com base em acções individuais.

Assim considero que o jogo não se desenvolve já que facilita aos jovens praticantes a permanência num estado onde a preocupação principal é o individualismo, o querer a bola só para si, o que representa um indicativo do jogo de fraco nível como defende Garganta (1995).

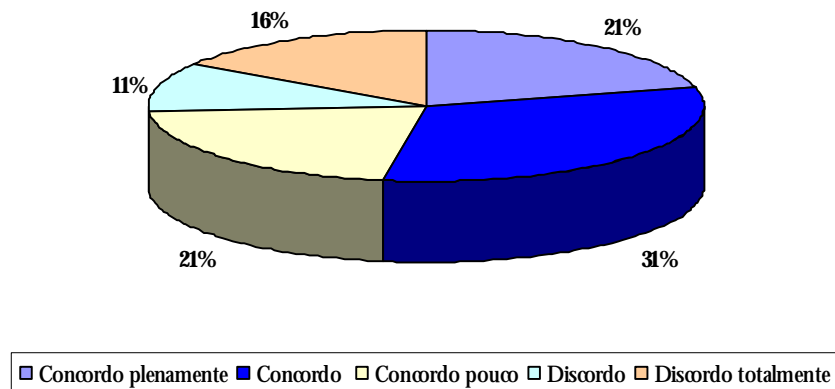
Gráfico 11 – Contribui para a compreensão da amplitude do jogo ofensivo considerando a relação de cooperação com os colegas



Mais uma vez, é visível a tendência de em respostas como esta e a anterior, onde se questiona se a compreensão é baseada em acções individuais ou na relação de cooperação com os colegas, onde poderia existir como que percentagens contrárias, tal não se verifica, o que acaba por acontecer também aqui, pelo que se depreenderá que os questionados consideram que não só se baseiam em acções individuais, mas também na relação com os colegas.

Aqui contrariamente à pergunta anterior existe a descentração, ou seja, o ataque é baseado na cooperação com os colegas, sendo este para Garganta (1995), um indicador do desenvolvimento do bom jogo.

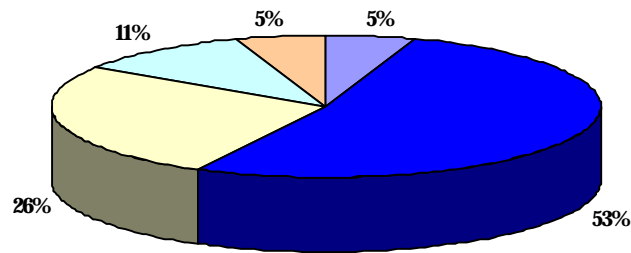
Gráfico 12 – Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base nas exigências da ocupação de espaço



Cerca de 50% dos treinadores é da opinião que os regulamentos técnico-pedagógicos ajudam os jovens atletas a compreenderem o jogo ofensivo com base nas exigências da ocupação de espaço, atendendo à soma dos que concordam com os que concordam plenamente, enquanto a outra metade se divide entre o concordo pouco (21%) e o discordo, 27% (discordo, 11% + discordo totalmente, 16%). Nota-se, mais uma vez, que existe perto de 25% dos inquiridos que se mantêm fiel às suas ideias, pois este número tem sofrido poucas alterações.

Como tal consideram que os jovens atletas são capazes de perceberem o jogo baseado na ocupação do espaço, o que dá a entender a facilitação, por parte dos regulamentos, em estes compreenderem a ocupação racional do espaço de jogo, que é um dos factores que ajuda a determinar o nível de prestação desportiva na óptica de Garganta (1995).

Gráfico 13 – Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base nas exigências da oposição defensiva individualizada

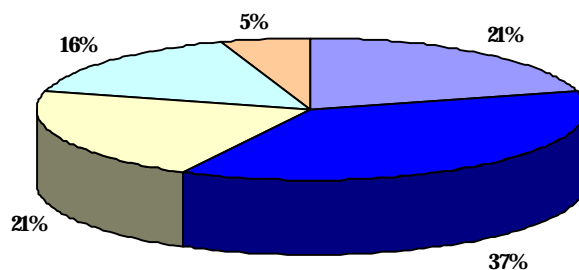


■ Concordo plenamente ■ Concordo ■ Concordo pouco ■ Discordo ■ Discordo totalmente

Para não variar continua-se a observar uma grande mancha azul presente no gráfico, pelo que existe grande concordância com a questão, enquanto a percentagem dos discordantes desce significativamente para 15% somando os dois níveis discordantes, aumentando a percentagem daqueles que como que recusam a resposta, optando pelo nível intermédio, em que não concordam, mas também não discordam.

Apesar de grande nível de concordância importa referir que neste caso a situação é desvantajosa para os miúdos, pois como referido anteriormente, o individualismo é um indicador do jogo de fraco nível, destacado por Garganta (1995).

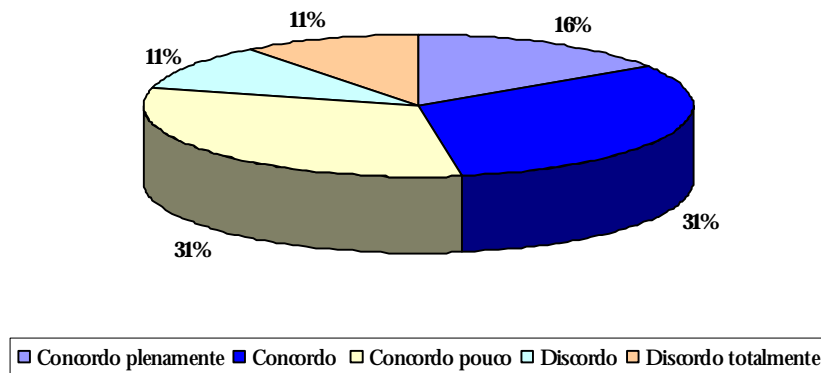
Gráfico 14 - Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base na relação de cooperação com os colegas



■ Concordo plenamente ■ Concordo ■ Concordo pouco ■ Discordo ■ Discordo totalmente

Esta questão surge, como que para confirmar a pergunta 8, assim pode-se assistir a uma grande concordância nos discordantes, onde as percentagens mantêm-se as mesmas, onde 5% discorda totalmente e 16% discorda. Quanto à percentagem dos, ditos, com dúvidas também se mantêm de uma questão para a outra. A diferença que se observa é na questão dos concordantes, onde 10% passa do concordo na questão 8, para o concordo plenamente. Mas mesmo isto é irrelevante, já que se pode considerar uma pequena variabilidade dentro de um mesmo grupo (concordantes). Logo, existe coerência nas respostas dos inquiridos.

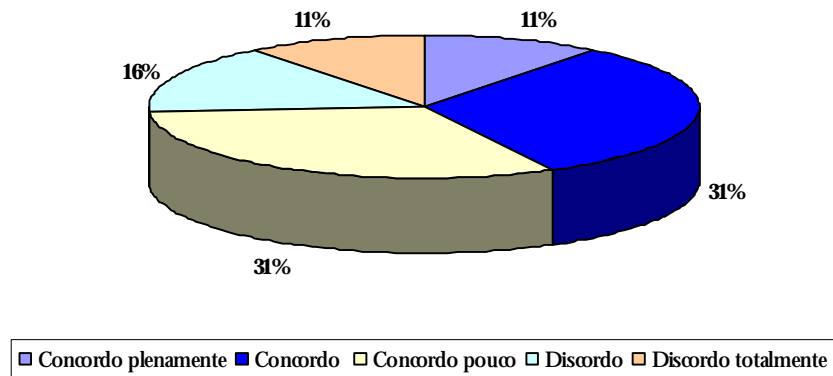
Gráfico 15 - Facilita a estruturação do espaço de jogo ofensivo, no ataque continuado, com a criação de espaço



Nesta questão é fácil de observar que apesar de a maioria continuar a concordar, cerca de metade dos inquiridos (soma dos 16% que concordam plenamente com os 31% dos que concordam), existe um crescimento dos “duvidosos” que importa salientar, e que passa para 31%, enquanto os discordantes se mantêm entre os 20% e os 25% das respostas recolhidas.

Daqui se pode inferir que este regulamento técnico-pedagógico, na opinião dos inquiridos, favorece o desenvolvimento dos jovens praticantes, já que facilita a estruturação do espaço de jogo com a criação de espaço, que representa para Garganta (1995), um dos mais elevados níveis de prestação desportiva.

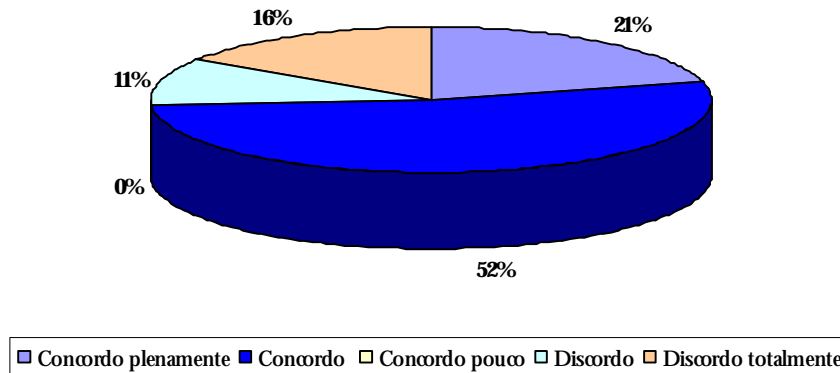
Gráfico 16 - Facilita a estruturação do espaço de jogo ofensivo, no ataque continuado, com a ocupação do espaço



Outra situação, em que duas questões como que se assemelham, para também assim se perceber a coerência das respostas. Assim a similaridade é entre a questão 16 e a 12. Analisando ambas pode-se ver que a percentagem que respondeu que concorda ficou igual de uma para a outra (31%). Relativamente aos discordantes, onde se engloba os discordo e discordo plenamente, também se verifica uma igualdade, existindo apenas a troca de valores entre estes dois subgrupos, mantendo-se na sua totalidade perto de 25% dos inquiridos, como vêm sendo habitual neste grupo de respostas. Onde existe uma maior disparidade é entre os concordo plenamente, que da questão 12 para esta perde cerca de 10% para o nível intermédio, de recusa de resposta.

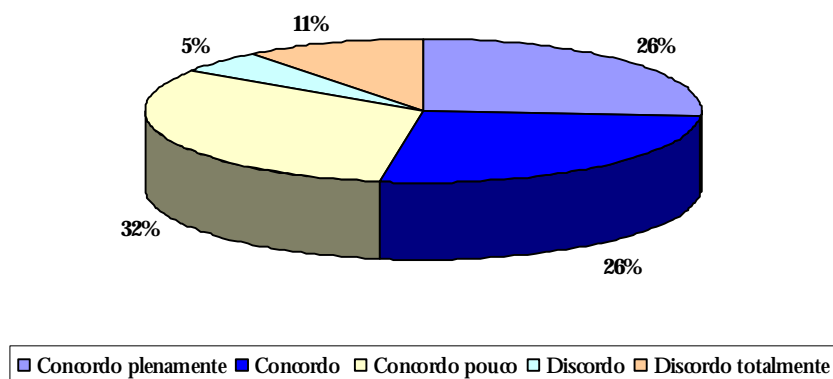
Depreende-se que, apesar da sua maioria considerar que este regulamento ajuda à estruturação do espaço de jogo ofensivo com base na ocupação do espaço, existem maiores dúvidas relativamente à questão 12.

Gráfico 17 - Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da entreaajuda



Na questão 17, importa salientar que é a única questão onde o valor intermédio, vulgo, com existência de dúvidas, não foi respondido. Assim cerca de 25% dos treinadores inquiridos discorda, divididos entre os que discordam totalmente e aqueles que discordam, enquanto 73% concorda, também divididos entre os que concordam plenamente e os que concordam, notando-se aqui, uma vez mais uma maior variabilidade nas respostas concordantes, relativamente às discordantes.

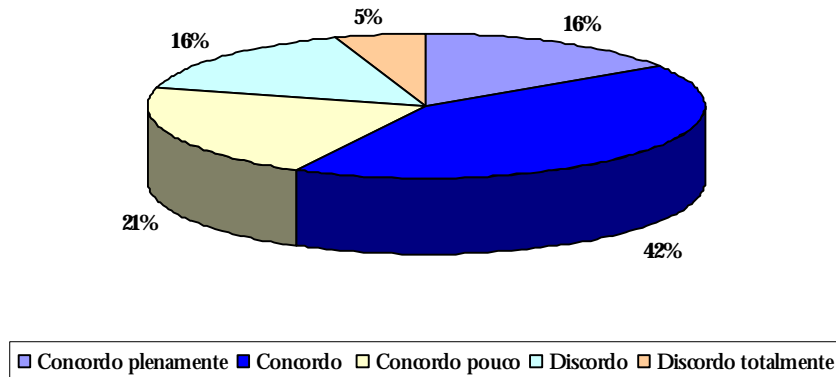
Gráfico 18 - Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da flutuação



Em relação à questão anterior, surge uma grande mancha amarela no gráfico, que se explica por um maior número de dúvidas relativamente à ajuda deste regulamento, no desenvolver da flutuação defensiva. Depois de analisar os resultados verifica-se que os 32% de concordo pouco provêm, de

aproximadamente, 10% dos discordantes, divididos entre os que discordam e os que discordam totalmente, tendo em atenção à linha evolutiva deste grupo, enquanto os restantes 20% surgem dos concordantes e dos que concordam plenamente.

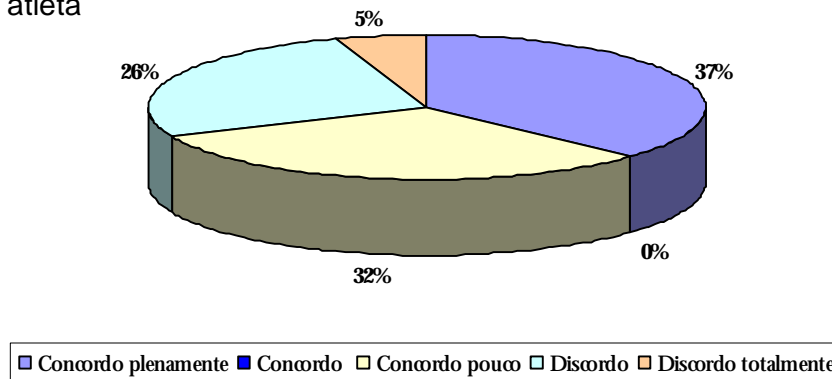
Gráfico 19 - Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na sua defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da intercepção



Relativamente às duas questões anteriores que estão, intimamente ligadas, com esta poderá dizer-se que existe um decréscimo, da questão 18 para esta, dos duvidosos em 11%, que se repartem em 5% para o lado dos discordantes e 6% para os concordantes. Importa realçar o facto de, em todas as questões até agora analisadas, a grande maioria das respostas concordar que os regulamentos técnico-pedagógicos contribuem, facilitam ou ajudam ao desenvolvimento de todos estes parâmetros que achamos importantes questionar.

Em relação às três últimas questões queremos salientar que a nível defensivo, estes regulamentos (na opinião da maioria dos inquiridos), apesar de favorecerem o desenvolvimento de alguns desses parâmetros defensivos, não o fazem a todos, nem da mesma forma, pelo que existe desde já um desfavorecimento da capacidade técnica defensiva.

Gráfico 20 - Poderá a vir prejudicar a capacidade individual defensiva de cada jovem atleta

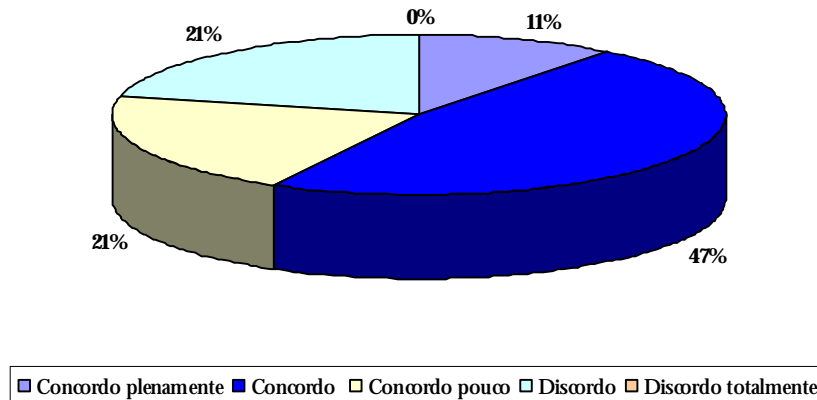


Na pergunta 20 é questionado directamente se considera que os regulamentos técnico-pedagógicos poderão vir a prejudicar a capacidade individual defensiva de cada jovem atleta, verificando-se que cerca de 37% considera que poderão ser prejudicados, enquanto 32% ficou na dúvida, existem outros, cerca de 30% que considera que a capacidade defensiva individual não sairá prejudicada pelo regulamento técnico-pedagógico.

Analisando os dados recolhidos para as perguntas 17, 18 e 19 observa-se alguma incongruência já que a maioria dos treinadores pensa que os elementos defensivos sairão facilitados com este regulamento. Assim nesta questão deveriam responder que não concordam que a capacidade defensiva individual fosse afectada por este regulamento.

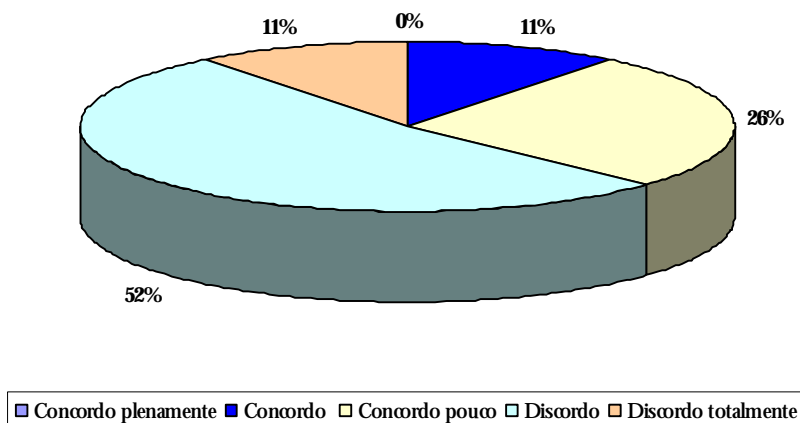
Sendo esta uma questão muito mais directa, fica no ar a sensação de afinal os treinadores, na sua maioria ou serem contra estes regulamentos, porque poderão prejudicar a capacidade defensiva dos seus atletas, ou ficarem na dúvida se existe ou não desfavorecimento da mesma. Não há uma assumir claro e definido de uma posição apenas.

Gráfico 21 - O principal objectivo é a preparação e desenvolvimento das capacidades individuais de cada jovem atleta



Nesta questão cerca de 60% dos inquiridos concorda (juntamente os que concordam com os que concordam plenamente) que o principal objectivo dos regulamentos, em causa, é a preparação e desenvolvimento das capacidades individuais de cada jovem atleta, no entanto, 21% rejeita esta questão, não concordando. O mesmo valor se verifica para aqueles que não definem uma posição exacta e clara, optando pelo nível intermédio.

Gráfico 22 - Foi correctamente elaborado, indo favorecer o correcto e eficaz desenvolvimento dos futuros atletas de elite



Pela primeira vez nesta análise, se observa uma mancha verde tão proeminente, pelo que se chega à conclusão que mais de metade dos treinadores questionados é de opinião que os regulamentos técnico-pedagógicos não foram correctamente elaborados, existindo apenas, uma

pequena percentagem de cerca de 10% que considera que estão correctos. Verifica-se também que aproximadamente 25% escolheu o nível intermédio, pelo que terá as suas dúvidas.

Gráfico 23 - Situação mais vantajosa para os escalões de formação, é o desenvolvimento do jogo no grande espaço, ou seja, em contra-ataque, em detrimento do jogo organizado espacialmente (pequeno espaço)

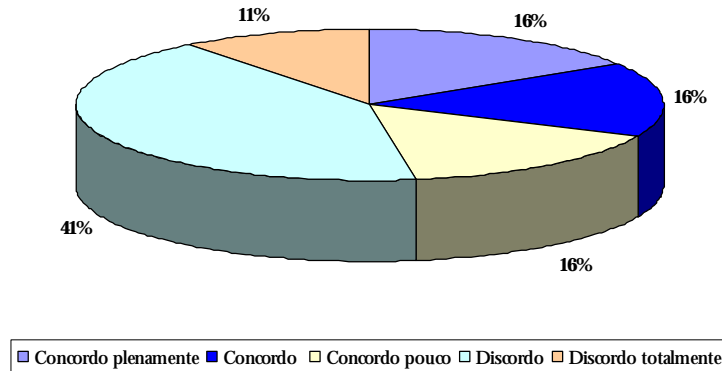
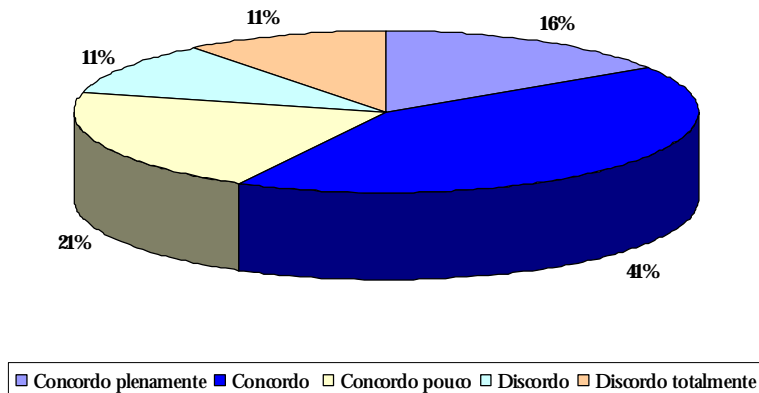


Gráfico 24 - Situação mais vantajosa para os escalões de formação, é o desenvolvimento do jogo organizado espacialmente (pequeno espaço), em detrimento do jogo no grande espaço, ou seja, em contra-ataque

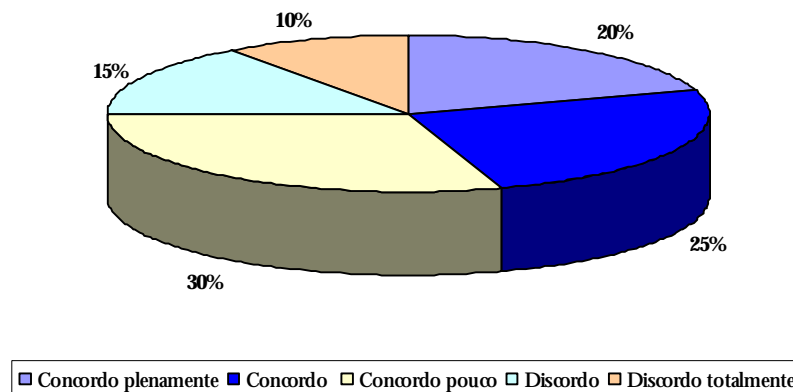


Esta questão e a anterior também foram aqui colocadas, para como que confirmar a coerência das respostas dadas. Assim optei por fazer uma análise conjunta. Posso desde já confirmar a coerência das respostas já que se verifica a contrariedade dos valores de uma questão para a outra. Como tal observa-se que, aproximadamente, 50% dos inquiridos é da opinião que o mais vantajoso, para os escalões de formação seria o desenvolvimento do jogo no pequeno

espaço (organizado espacialmente) em detrimento do jogo no grande espaço, ou seja, em contra-ataque. Existe uma pequena diferença, na ordem dos 5%, entre uma questão e outra, no entanto considero que para o estudo em causa são irrelevantes.

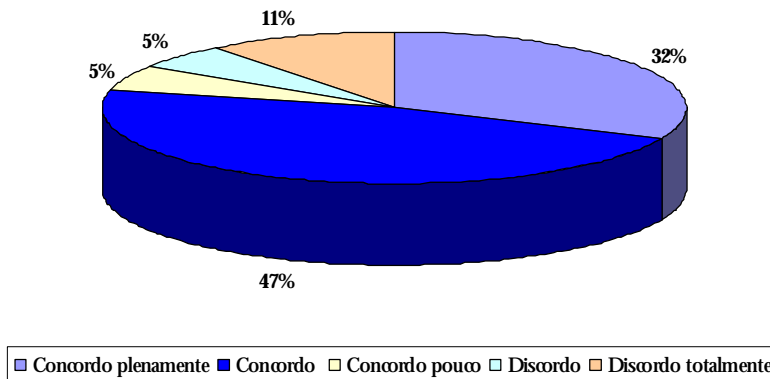
Como tal os treinadores consideram que para os escalões de formação o desenvolvimento do jogo se deve dar espacialmente, para melhor perceber o jogo, assim facilmente se depreende que os sistemas defensivos a utilizar seriam os zonais mais recuados, como refere Oliveira (1995) já que o jogo se deve desenrolar espacialmente.

Gráfico 25 - A nível defensivo são muitas as restrições que se colocam aos jovens praticantes de andebol. Poderão estas restrições vir a prejudicar os futuros jogadores de alto nível, relativamente à sua capacidade defensiva



Na questão 25 observa-se que 25% dos inquiridos não concorda com esta questão, achando que a capacidade defensiva não sairá prejudicada pelos regulamentos técnico-pedagógicos. Em concordância com a questão 20, onde também, cerca de 30%, assinala o nível intermédio (concordo pouco) deixa no ar a existência de dúvidas em relação à afectação da capacidade defensiva dos futuros atletas. Perto de metade dos inquiridos não têm dúvidas quanto à possibilidade a capacidade defensiva ficar prejudicada.

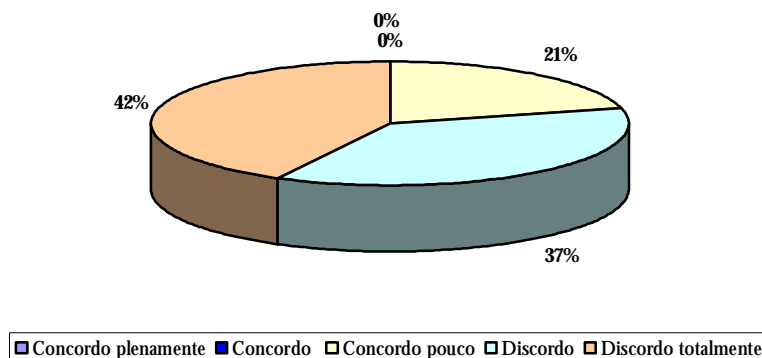
Gráfico 26 - Um dos principais objectivos nos escalões de formação é que o número de oportunidades de êxito seja o mais elevado possível



Nesta questão parecem não existir grandes dúvidas relativamente à concordância de perto de 80% dos inquiridos concordar com a pergunta colocada. Mesmo assim observa-se que 15% não pensa do mesmo modo, ou seja, não considera que um dos principais objectivos nos escalões de formação seja o de o número de oportunidades de êxito ser o mais elevado possível.

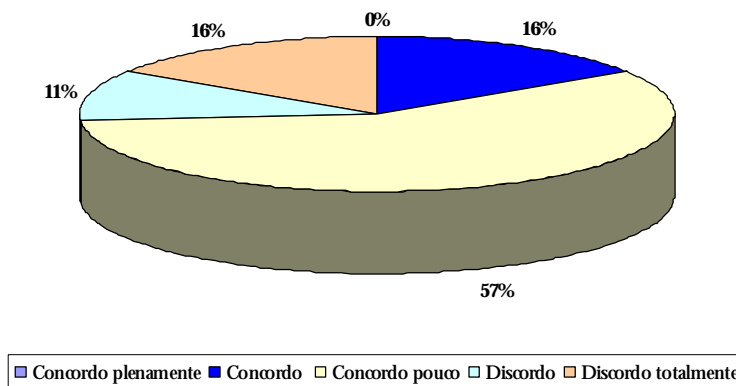
Garganta (1995) refere que se devem proporcionar as maiores capacidades de concretização aos jovens, o que vai de encontro ao discutido anteriormente.

Gráfico 27 - Uma das situações que surgem para alguns escalões, é aquando da finalização em contra-ataque que a equipa que obteve golo é premiada com nova posse de bola. Tanto a nível do melhoramento do jogo, como das capacidades individuais dos atletas, é viável



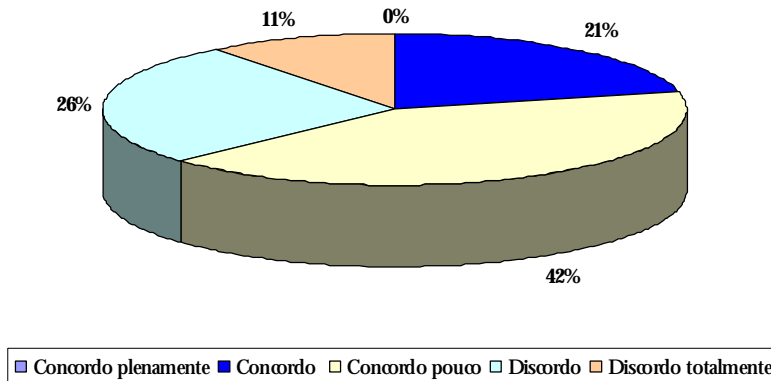
Nenhum dos treinadores pertencentes à amostra concorda com a situação de premiar o contra-ataque com nova posse de bola. Por outro lado, a grande maioria discorda, e destes 89%, existem 42% que discordam totalmente. Verifica-se também a existência de 21% que respondeu concordar pouco, ao que mais uma vez afirmo que não escolhem uma resposta clara e simples, optando pelo nível intermédio.

Gráfico 28 – Concorda com regulamento técnico-pedagógico da Federação de Andebol de Portugal



Curiosamente nesta questão existe uma grande percentagem de respostas que se situam no nível intermédio, 57%, pelo que ou existem muitas dúvidas relativamente ao regulamento técnico-pedagógico, ou os treinadores consideram que apesar de não concordarem com o regulamento na sua totalidade, concordam com algumas situações. Mais uma vez se verifica que, aproximadamente cerca de 25% (dos quais 16% discorda totalmente enquanto os restantes discordam), dos inquiridos não concorda com o regulamento em causa. Importa salientar o facto de não existir nenhuma resposta a concordar plenamente e onde apenas 16% responde concordar.

Gráfico 29 - O regulamento técnico-pedagógico favorece o correcto desenvolvimento das habilidades técnicas do jovem atleta, favorecendo o desenvolvimento do jovem atleta, favorecendo o desenvolvimento do jogo



Na última questão verifica-se que mais uma vez ninguém respondeu concordar plenamente, observando-se um decréscimo de 15% do nível intermédio, em relação à questão anterior, e que se divide pelo concordo, 5%, e os restantes 10% pelo grupo dos discordantes que é composto pelo discordo e o discordo totalmente.

Comparando a questão número 22 e 29, que também são concordantes, ou seja de confirmação verifica-se que o grupo que respondeu na primeira questão em causa, discordar totalmente 11%, também respondeu na questão 29 o mesmo. Em ambas não houve nenhuma resposta a concordar plenamente. A variação verificada no discordo é a mais significativa, sendo que, dos que dizem discordar na questão 22, apenas metade deles o volta a fazer na outra. Destes 26%, 10% optam por escolher, na última questão, o concordo, enquanto os restantes 16% passam para os indecisos. Apenas se compreende o sucedido por uma maior elaboração da questão 29, quando comparada com a questão 22.

5. CONCLUSÕES

No final deste trabalho cheguei algumas conclusões que importa analisar e explicar, pretendendo assim como que deixar vincado a visão que os treinadores têm do regulamento técnico-pedagógico da Federação de Andebol de Portugal, sem nunca esquecer os objectivos a que me propus no início deste estudo. Como tal passo apresentar as conclusões finais:

- a) Nenhum dos treinadores que fez parte da amostra, concorda com a situação presente no regulamento técnico-pedagógico, onde se lê que uma equipa que obtenha golo em contra-ataque, é premiada com nova posse de bola (isto verifica-se apenas para alguns dos escalões).
- b) Conclui-se que o conceito de jogo defensivo, terá de ser baseado numa estrutura de jogo organizado espacialmente, deixando de lado as defesas individuais, onde tal não é possível. Optando-se por sistemas defensivos zonais, como o 6:0 e o 5:1.
- c) Acaba por se assistir a uma maior homogeneidade do grupo que responde discordar, situando-se quase sempre a sua percentagem entre os 20 e os 25%, enquanto que os que concordam variam bastante mais o valor da sua resposta, pelo que vão variando as respostas com o nível intermédio.
- d) Ao longo de todo o inquérito se observa que existe um pequeno grupo que varia entre os 20% e 25%, aproximadamente, que discorda com o regulamento técnico-pedagógico. Este pequeno grupo que varia pouco acaba também por, nas questões directas quando se pergunta se concordam com o regulamento, discordar deste clara e abertamente.
- e) Por outro lado o grupo que ao longo de todo o inquérito vai respondendo concordar que este regulamento favorece, facilita e ajuda ao desenvolvimento de determinados aspectos técnicos, nas questões

directas se concorda ou não com a elaboração deste regulamento, apresenta bastantes dúvidas.

- f)** Apesar de tudo considera-se que a entreajuda, intercepção e a flutuação acabam por serem desenvolvidos através deste regulamento técnico-pedagógico.

- g)** No entanto, a maioria dos treinadores considera que a capacidade defensiva dos futuros atletas de elite poderá sair prejudicada com este regulamento.

- h)** Consideramos que a grande maioria da amostra não concorda com este regulamento apresentado pela Federação de Andebol de Portugal, como condicionador de formação.

- i)** Garganta (1995) considera que se devem apresentar aos jovens praticantes regras simplificadas, como tal para quê a existência de regulamento que em vez de facilitar apenas complica as regras oficiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adelino, J. (2002). O Treino da Técnica nos Jogos Desportivos. In Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos: 91 – 110. Júlio Garganta (ed.). CEJD/FCDEF-UP. Porto.

Aguilà, G e Pereira, P. (1993). Observación y Evaluación en los Deportes de Cooperación-Oposición: En Busca de sus Aspectos Distintivos. Apunts, 31: 86-105.(*)

Alonso, E. (1989). O Jogo Como Meio de Iniciação ao Andebol. Setemetros, 31: 5-12.(*)

Bayer, C. (1979). L'enseignement des jeux sportifs collectifs. Vigot. Paris.

Bayer, C. (1985). Pour une pratique transférable dans l'enseignement des sports collectifs. In Teaching Team Sports: 198-208. International Congress. SdS. Roma.

Bota, I. e Colibaba-Evulet, D. (2001). Jogos Desportivos Colectivos: Teoria e Metodologia. Instituto Piaget. Lisboa.

Buendía, R. (2002). Sobre las Reglas de Juego y Sobre Su Valor Educativo u Didáctico en la Iniciación Deportiva Escolar. Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital. Ano 8 – n.º 45. Buenos Aires. Argentina. <http://www.efdeportes.com/>(*)

Cecchini, E. (1985) Pratica Trasferibile e Interpretazione dello Spazio nei Giochi Spotivi Colletivi. Società Stampa Sportiva. Roma.

Cercel, P. (1990). Andebol – Treino de Equipas Masculinas. Edições Bidesportiva. Linda-a-Velha.(*)

Contreras, M e Ortega, J. (1999). Creacion, Ocupacion y Aprovechamiento del Espaço como Concepto Básico para la Aplicacion de los Médios Técnico/Tácticos Colectivos Esenciales en los Deportes de Equipo. Lecturas Educación Física y Deportes. Revista Digital. Ano 4 – n.º 13. Buenos Aires. Argentina <http://www.efdeportes.com/>

Cuesta, J. (2002). Defesa. Documentação Técnica do Curso de Treinadores de Nível IV. Federação de Andebol de Portugal.(*)

Federação de Andebol de Portugal (2005). Regulamento técnico-pedagógico. F.P.A. Lisboa.

Fédération Française de Handball (2001). Handball: Dossier Technique et Pédagogique. Éducation Physique et Sport, 291: 17-34. (*)

Ferrarese, J.F. (1976). El Balonmano. Editorial De Vecchi. Barcelona.

Freitas, B. (2005). Concepção dos Treinadores Acerca da Lógica Interna e Funcional do Jogo de Andebol. Tese de Mestrado. FCDEF-UP. Porto.

Garganta, J. (1995). Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos. In O Ensino dos Jogos Desportivos: 11-25. Amândio Graça e José Oliveira (eds.) CEJD/FCDEF-UP. Porto. 2ª Edição.

Graça, A. (1995). Os Como e os Quandos no Ensino dos Jogos. In O Ensino dos Jogos Desportivos: 27-34. Amândio Graça e José Oliveira (eds.) CEJD/FCDEF-UP. Porto. 2ª Edição.

Graça, A. (1997). O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo no Ensino do Basquetebol. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto

Granell, J.C. e Cervera, V.R. (2001). Teoría y Planificación del Entrenamiento Deportivo. Editorial Paidotribo. Barcelona.

Konzag, I. (1991). A formação técnico-táctica nos Jogos Desportivos Colectivos. Treino Desportivo, II ser., 19: 27-37.

Matveiev, L.P. (1986). Fundamentos do Treino Desportivo. Livros Horizonte. Lisboa. (*)

Mertens, B. e Musch, E. (1990). A Methodological Sport Game Concept Applied to Basketball. Poster presented at the A.I.E.S.E.P. World Convention "Moving towards Excellence". Loughborough.

Mesquita, I. (1992). Voleibol – Abordagem Especifica. In Educação na Escola Primária (Vol. II – Iniciação Desportiva): 77-89. FCDEF-UP/Câmara Municipal do Porto.

Metzler, J. (1987). Fondements théoriques et pratiques d'une démarche d'enseignement des sports collectifs. Spirales, 1 (complément): 143-151

Moreira, J. (2001). Configuração do Processo Ofensivo no Andebol: Estudo da Superioridade Numérica, na Relação Cooperação/Oposição Relativa à Zona da Bola, em Equipas Portuguesas de Níveis Competitivos Distintos. Tese de Mestrado. FCDEF-UP. Porto. (*)

Oliveira, F. (1995). Ensinar o Andebol. Campo das Letras Editores. Porto.

Petty, R. e Cacioppo, J. (1996). Attitudes and Persuasion Classic and Contemporary Approaches. Cap I. Westview. New York.

Read, B e Devis, J. (1990). Enseñanza de los Juegos Deportivos; Cambio de Enfoque. Apunts: Educació Física i Esports, 22, 51-56. Barcelona.

Rink, J. (1990). Teaching for learning. St Louis: Times Mirror/Mosby coll. Publishing.

Stein, H. e Federhoff, E. (1995). Andebol. Col. Desporto n.º 7. Editorial Estampa. Lisboa.

Teixeira, J. (1998). Caracterização da Acção Ofensiva do Jogador Central de Andebol. Estudo Descritivo em Jogadores de Alto Rendimento Nacional. Tese de Mestrado. FCDEF-UP. Porto.

Teodorescu, L. (1984). Problemas de Teoria e Metodologia nos Desportos Colectivos. Colecção Horizonte de Cultura Física. Livros Horizonte. Lisboa.

Thorpe, R. (1990). New Directions in Games Teaching. In Neil Armstrong (Ed): New Directions in Physical Education, Vol. I, Champaign, IL: Human Kinetics Publishers, 79-100.

(*) Obras de consulta indirecta

ANEXOS

INQUÉRITO

IDADE: _____

CLUBE: _____ ESCALÃO: _____ NÍVEL

TREINADOR: __

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA COMO TREINADOR: _____

ORGANISMO FORMADOR (ÚLTIMO GRAU ADQUIRIDO): _____

ESCALA DE RESPOSTA AO INQUÉRITO:

- 1) - Concordo plenamente;
- 2) - Concordo;
- 3) - Concordo pouco;
- 4) - Discordo;
- 5) - Discordo totalmente.

O regulamento técnico-pedagógico da Federação Portuguesa de Andebol tem influência directa no desenvolvimento dos fundamentos da estruturação do jogo, pelo que:

1. Nos escalões de formação é adequado que não sejam permitidas defesas mistas _____
2. Contribui para a diferenciação do jogo no grande espaço, jogo anárquico, para o jogo em zonas (grande e pequeno espaço) _____
3. Contribui para a construção/compreensão dos sistemas de jogo _____
4. Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo com base em acções individuais _____
5. Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo respeitando a defesa da sua baliza _____
6. Contribui para o direccionamento do jogo ofensivo em relação ao alvo considerando a relação de cooperação com os colegas _____
7. Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo com base em acções individuais _____

8. Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo considerando a relação de cooperação com os colegas_____
9. Contribui para a compreensão da profundidade do jogo ofensivo respeitando a defesa da sua baliza_____
10. Contribui para a compreensão da amplitude do jogo ofensivo com base em acções individuais_____
11. Contribui para a compreensão da amplitude do jogo ofensivo considerando a relação de cooperação com os colegas_____
12. Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base nas exigências da ocupação do espaço_____
13. Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base nas exigências da oposição defensiva individualizada_____
14. Ajuda à compreensão do jogo ofensivo com base na relação de cooperação com os colegas_____
15. Facilita a estruturação do espaço de jogo ofensivo, no ataque continuado, com a criação de espaço_____
16. Facilita a estruturação do espaço de jogo ofensivo, no ataque continuado, com a ocupação de espaço_____
17. Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da entreaajuda_____
18. Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da flutuação_____
19. Facilita a estruturação do espaço de jogo defensivo, na defesa propriamente dita, com o desenvolvimento da interceptação_____
20. Poderá vir a prejudicar a capacidade individual defensiva de cada jovem atleta_____
21. O principal objectivo é a preparação e desenvolvimento das capacidades individuais de cada jovem atleta_____
22. Foi correctamente elaborado, indo favorecer o correcto e eficaz desenvolvimento dos futuros atletas de elite_____
23. Em sua opinião, a situação mais vantajosa para os escalões de formação, é o desenvolvimento do jogo no grande espaço, ou seja, em contra-ataque, em detrimento do jogo organizado espacialmente (pequeno espaço)_____

24. Em sua opinião, a situação mais vantajosa para os escalões de formação, é o desenvolvimento do jogo organizado espacialmente (pequeno espaço), em detrimento do jogo no grande espaço, ou seja, em contra-ataque_____
25. A nível defensivo são muitas as restrições que se colocam aos jovens praticantes de andebol. Poderão estas restrições vir a prejudicar os futuros jogadores de alto nível, relativamente à sua capacidade defensiva_____
26. Um dos principais objectivos nos escalões de formação é que o número de oportunidades de êxito seja o mais elevado possível_____
27. Uma das situações que surgem para alguns escalões, é aquando da finalização em contra-ataque a equipa que obteve golo é premiada com nova posse de bola. Esta situação, tanto a nível do melhoramento do jogo, como das capacidades individuais das atletas, é viável_____
28. Em sua opinião, concorda com o novo regulamento técnico-pedagógico da Federação Portuguesa de Andebol_____
29. É sua opinião que este regulamento técnico-pedagógico favorece o correcto desenvolvimento das habilidades técnicas do jovem atleta, favorecendo o desenvolvimento do jogo_____